

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

JOSINETO RIBEIRO DA SILVA

METAMORFOSES DA HISTÓRIA: Lucien Febvre e a ruptura com a História Tradicional
em *Combates pela História*, na historiografia do século XX.

CODÓ-MA

2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ

JOSINETO RIBEIRO DA SILVA

METAMORFOSES DA HISTÓRIA: Lucien Febvre e a ruptura com a História Tradicional
em *Combates pela História*, na historiografia do século XX.

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de
Licenciatura em Ciências Humanas – História, do Centro
de Ciências de Codó, da Universidade Federal do
Maranhão, como requisito para a obtenção do grau de
Licenciado em Ciências Humanas – História.
Orientador: Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso

CODÓ-MA

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Josinete Ribeiro da.

Metamorfoses da História: Lucien Febvre e a ruptura com a História Tradicional em *Combates pela História*, na Historiografia do século XX / Josinete Ribeiro da Silva. 2026.

62 f.

Orientador(a): Antônio Alexandre Isídio Cardoso.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas História, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2026.

1. Lucien Febvre. 2. Escola dos Annales. 3. História Tradicional. 4. Nova História. 5. Escola Metódica Francesa. I. Cardoso, Antônio Alexandre Isídio. II. Título.

JOSINETO RIBEIRO DA SILVA

METAMORFOSES DA HISTÓRIA: Lucien Febvre e a ruptura com a História Tradicional
em *Combates pela História*, na historiografia do século XX.

DATA DA DEFESA: 15 de julho de 2026

Aprovado(a) em: ____/____/____, às ____:____ horas.

Nota: ____ (.....)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso
Orientador

Prof. Dr. José Carlos Aragão
Examinador 1

Prof. Mestranda Natália Gomes
Examinador(a) 2

Dedico esta obra à Deus, primeiramente, à minha família, esposa e filhos, e a todos que de uma forma ou de outra, contribuíram para esse resultado, e em especial, aos meus orientadores pela preocupação despendida para que este trabalho se realizasse, demonstrando, assim, muita dedicação com engajamentos dos alunos com a aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por abençoar cada passo nessa jornada de estudos.

À minha família, por toda a compreensão, apoio, incentivo e em acreditar no esforço em concluir esse trabalho, pois sem essa torcida jamais teria este resultado.

Aos meus colegas de turmas que compartilharam comigo cada momento das aulas.

Ao meu orientador, Professor Doutor Antônio Alexandre Isídio Cardoso, pelas dicas, conselhos, compreensão e pela inteira disponibilidades estando sempre preocupado com as ações na realização deste trabalho, sempre solícito.

A todos os meus familiares que de alguma forma torcerem para a realização deste projeto de vida.

A todos os professores e professoras que tive o privilégio de conhecer e aprender com seus ensinamentos durante esta passagem muito enriquecedora na Universidade Federal do Maranhão, Campus Codó.

A história não é uma lição do passado; é antes uma maneira
de interrogar o passado à luz das necessidades do presente.”

Lucien Paul Victor Febvre

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar de que modo Lucien Febvre, por meio das proposições reunidas em *Combates pela História*, contribuiu para a ruptura com a historiografia tradicional vinculada à Escola Metódica francesa. O problema de pesquisa consiste em compreender quais ideias de Febvre favoreceram a superação de uma escrita da história marcada pela narrativa factual, pela cronologia linear, pela centralidade dos documentos oficiais e pela valorização de grandes personagens políticos e militares. A metodologia adotada é de caráter qualitativo e bibliográfico, fundamentada na análise da obra *Combates pela História* e em estudos historiográficos sobre o pensamento febvriano, a Escola dos Annales e o contexto intelectual de transição entre os séculos XIX e XX. Os resultados indicam que Febvre teve papel decisivo na formulação de uma abordagem historiográfica mais ampla, orientada pela história-problema, pela interdisciplinaridade, pela ampliação das fontes e pela valorização das dimensões sociais, culturais, econômicas e mentais da experiência humana. Conclui-se que suas proposições foram fundamentais para a renovação da historiografia contemporânea e para a consolidação de perspectivas associadas à Nova História, especialmente a partir do movimento dos Annales, fundado por Lucien Febvre e Marc Bloch.

Palavras-chave: Lucien Febvre; Combates pela História, Escola dos Annales; Nova História;.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze how Lucien Febvre, through the propositions gathered in *Combates pela História*, contributed to the rupture with traditional historiography associated with the French Methodical School. The research problem consists of understanding which ideas developed by Febvre favored the overcoming of a form of historical writing marked by factual narrative, linear chronology, the centrality of official documents, and the emphasis on major political and military figures. The methodology is qualitative and bibliographical, based on the analysis of *Combates pela História* and historiographical studies on Febvre's thought, the Annales School, and the intellectual context of transition between the nineteenth and twentieth centuries. The results indicate that Febvre played a decisive role in formulating a broader historiographical approach, guided by problem-oriented history, interdisciplinarity, the expansion of historical sources, and the appreciation of the social, cultural, economic, and mental dimensions of human experience. It is concluded that his propositions were fundamental to the renewal of contemporary historiography and to the consolidation of perspectives associated with New History, especially through the Annales movement, founded by Lucien Febvre and Marc Bloch.

Keywords: Lucien Febvre; Combats for History; Annales School; New History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Retrato do historiador francês Lucien Febvre (1878-1956)	15
Figura 2 - Capa original do primeiro volume da revista <i>Annales d'histoire économique et sociale</i> , lançada em 15 de janeiro de 1929 sob a direção de Marc Bloch e Lucien Febvre:	25

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	LUCIEN FEBVRE E A RENOVAÇÃO DA HISTORIOGRAFIA	14
2.1	Vida e formação intelectual de Febvre.....	14
2.2	Contexto histórico tradicional do século XIX.....	20
2.3	Escola dos Annales e suas propostas	24
3	COMBATES PELA HISTÓRIA E A HISTÓRIA TRADICIONAL.....	33
3.1	Estrutura e proposta da obra.....	36
3.2	Crítica à história factual e positiva.....	40
3.3	História-problema e construção do conhecimento histórico.....	42
3.4	Interdisciplinaridade e método	45
3.5	Mentalidades e o imaginário coletivo.....	46
4	AS METAMORFOSES DA HISTÓRIA E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	50
4.1	Impactos das propostas de Febvre.....	50
4.2	A consolidação da Nova História.....	52
4.3	Influência na historiografia contemporânea.....	54
5	CONCLUSÃO.....	56
	REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

Combates pela História, de Lucien Febvre, reúne ensaios fundamentais para a compreensão da renovação historiográfica do século XX. Publicada originalmente em 1953, a obra expressa uma crítica contundente aos limites da história tradicional, especialmente à narrativa factual, política e documentalista vinculada à Escola Metódica francesa. Ao defender uma história orientada por problemas, aberta ao diálogo com outras ciências humanas e atenta às múltiplas dimensões da experiência social, Febvre contribuiu decisivamente para redefinir o ofício do historiador.

Nesse sentido, a obra ocupa lugar central no campo da Teoria da História, pois problematiza a forma como o passado deve ser interrogado, interpretado e reconstruído. Para Febvre, o conhecimento histórico não resulta da simples coleta de documentos, mas da formulação de questões capazes de conferir sentido aos vestígios do passado.

A forma ensaística de *Combates pela História* também merece atenção. Como observa Adorno (2003), o ensaio constitui uma forma de reflexão que recusa a rigidez excessiva dos modelos científicos tradicionais e permite explorar criticamente os limites do conhecimento formal. Em Febvre, essa forma de escrita assume forte densidade metodológica, pois articula intervenção intelectual, crítica historiográfica e proposição de novos caminhos para a disciplina histórica.

Esta pesquisa parte do seguinte problema: como Lucien Febvre, por meio dos ensaios reunidos em *Combates pela História*, desafiou os métodos da Escola Metódica francesa e contribuiu para a ruptura com a História Tradicional? A partir dessa questão, busca-se compreender de que maneira suas proposições impactaram a escrita da história no século XX e favoreceram a emergência de uma historiografia mais crítica, interdisciplinar e problematizadora.

O objetivo principal deste estudo é analisar as proposições formuladas por Lucien Febvre em *Combates pela História*, destacando sua crítica à historiografia tradicional do século XIX e sua contribuição para a renovação dos métodos, objetos e perspectivas da pesquisa histórica. Como objetivos específicos, pretende-se: examinar a relevância historiográfica da obra; identificar os conceitos centrais mobilizados por Febvre, como história-problema, interdisciplinaridade, história total e mentalidades; discutir sua oposição à narrativa factual e ao positivismo metódico; e avaliar os desdobramentos de suas ideias na consolidação da Escola dos Annales e da chamada Nova História.

A análise concentra-se nos fundamentos conceituais da obra, buscando identificar como Febvre compreendeu o papel do historiador diante das fontes, dos fatos e dos problemas de seu tempo. Assim, a investigação procura demonstrar que sua crítica à Escola Metódica não se limitou à rejeição de um modelo narrativo, mas envolveu uma redefinição mais ampla da própria produção do conhecimento histórico.

Desse modo, a descrição e a interpretação dos conceitos presentes em *Combates pela História* são fundamentais para esclarecer os métodos de análise defendidos por Febvre e sua proposta de reorganização da escrita da história.

A caracterização desses métodos permite compreender por que a obra se tornou uma referência para o debate historiográfico contemporâneo, especialmente por defender que a história deve ser construída a partir de problemas, hipóteses, crítica documental e diálogo com diferentes áreas do saber.

O tema das “metamorfoses da história” relaciona-se, portanto, ao processo de transformação da historiografia diante de novas perguntas, objetos e métodos. Nesse contexto, as reflexões de Febvre revelam uma concepção dinâmica da disciplina, na qual o passado não é apenas narrado, mas interrogado à luz das questões formuladas pelo historiador.

Essa perspectiva ampliou o campo de atuação do historiador, permitindo que o acontecimento histórico fosse examinado em suas relações com estruturas sociais, práticas culturais, mentalidades, temporalidades e condições materiais de existência.

Entre os conceitos mobilizados nesta pesquisa, destacam-se a história-problema, a interdisciplinaridade, a história total, a história das mentalidades, a crítica à narrativa factual, a ampliação da noção de fonte, o cuidado contra o anacronismo e a valorização das estruturas sociais na interpretação historiográfica. Esses elementos constituem o núcleo da ruptura proposta por Febvre em relação aos procedimentos tradicionais da historiografia oitocentista.

A Escola dos Annales, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, também será considerada nesta análise, uma vez que representou o principal espaço de institucionalização e difusão das propostas renovadoras defendidas por esses autores.

Segundo Peter Burke (1997), a revista *Annales d'histoire économique et sociale* foi lançada na França, em 1929, com a máxima de “criar uma revista que possa exercer, no domínio dos estudos da história social e econômica, um papel diretivo”. Dessa forma, a criação do periódico foi responsável pela propagação das ideias de historiadores que ansiavam por uma modernização na escrita da história.

No corpo desta pesquisa são mobilizados vários autores que, além de Febvre e Marc Bloch, contribuíram para o debate historiográfico, seja em aproximação, seja em oposição às

propostas de renovação defendidas pelos Annales. É o caso do sociólogo francês François Simiand, que já formulava críticas à prática historiográfica empreendida pela Escola Metódica, bem como de Charles Seignobos e Charles-Victor Langlois, representantes dessa tradição, que defendiam os princípios de uma história científica baseada na crítica documental, na imparcialidade do historiador e na narrativa dos acontecimentos políticos e diplomáticos.

Esses autores vinculam-se a correntes historiográficas que marcaram diferentes momentos da escrita da história, especialmente no contexto do historicismo, da Escola Metódica e das críticas que antecederam a renovação proposta pelos Annales. Conforme Burke, o historicismo concentra-se no caráter singular dos acontecimentos e sustenta que “a verdade histórica só pode ser alcançada através da análise cuidadosa e detalhada das condições particulares de tempo e lugar” (Burke, 1992, p. 47).

A relevância desta investigação justifica-se pelo fato de que o pensamento de Febvre permanece fundamental para os estudos de Teoria da História e para a formação de professores, pois permite compreender como a escrita historiográfica foi transformada pela crítica ao positivismo, pela ampliação dos objetos de pesquisa e pela incorporação de novas formas de análise social.

A escolha do tema decorre do interesse em compreender as transformações da escrita da história no século XX e, em particular, o papel de *Combates pela História* como obra de intervenção crítica contra a tradição positivista e documentalista da Escola Metódica.

Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada na análise teórica de *Combates pela História*, de Lucien Febvre, e no diálogo com autores que discutem a Escola dos Annales, a historiografia tradicional e a renovação historiográfica contemporânea. A pesquisa está organizada em três capítulos, estruturados de modo a conduzir o leitor da contextualização histórica ao exame conceitual da obra e, por fim, aos seus desdobramentos historiográficos.

No primeiro capítulo, examina-se a renovação da historiografia a partir da trajetória intelectual de Lucien Febvre. São abordados sua formação, o contexto historiográfico dos séculos XIX e XX, o surgimento da Escola dos Annales e a crítica aos métodos da História Tradicional.

No segundo capítulo, analisa-se a estrutura de *Combates pela História* e os principais conceitos mobilizados por Febvre em oposição à abordagem factual e positivista da Escola Metódica, com destaque para a história-problema, a interdisciplinaridade, a ampliação das fontes e o estudo das mentalidades.

No terceiro capítulo, discutem-se as metamorfoses da história e os desdobramentos das propostas de Febvre na historiografia contemporânea, considerando sua influência na consolidação da Nova História e na redefinição dos métodos, objetos e finalidades da pesquisa histórica.

Ao longo da análise, sustenta-se que *Combates pela História* constitui um marco da historiografia do século XX, pois sistematiza uma crítica ao modelo tradicional e propõe uma concepção de história voltada à problematização, à totalidade da experiência humana e ao diálogo interdisciplinar.

Dessa forma, a pesquisa busca demonstrar que a articulação entre as propostas de Febvre e o projeto intelectual dos *Annales* foi decisiva para a renovação metodológica da historiografia, abrindo caminho para interpretações mais amplas, críticas e socialmente orientadas do passado.

2 LUCIEN FEBVRE E A RENOVAÇÃO DA HISTORIOGRAFIA

A renovação da historiografia no século XX desenvolveu-se em oposição a um modelo de escrita histórica marcado pela centralidade dos fatos políticos, pela narrativa cronológica e pela valorização de personagens ligados às elites sociais, militares e governamentais.

Até o início do século XX, muitos historiadores ainda se orientavam por concepções de cientificidade influenciadas pelo positivismo e pela crença na objetividade documental.

Nessa perspectiva tradicional, a historiografia privilegiava os acontecimentos políticos e diplomáticos, tomando os documentos oficiais do Estado como fontes centrais para a reconstrução do passado.

A História permanecia, assim, associada a uma narrativa linear, centrada em grandes acontecimentos e em figuras de autoridade do campo político e militar.

Diante desse quadro, tornou-se necessário repensar a escrita da história, ampliando seus objetos, suas fontes e seus métodos para incorporar outras dimensões da vida social, como as práticas cotidianas, as estruturas econômicas, as relações culturais e as formas coletivas de pensamento.

2.1 Vida e formação intelectual de Febvre

Lucien Paul Victor Febvre ocupa lugar central nesse processo de renovação historiográfica. Sua atuação intelectual, em diálogo com Marc Bloch, contribuiu para redefinir a escrita da história no século XX e para superar os limites do modelo historiográfico oitocentista.

Figura 1 – Retrato do historiador francês Lucien Febvre (1878-1956)



Fonte: PERSÉE; ÉCOLE DES HAUTES ÉTUDES EN SCIENCES SOCIALES (EHESS). *Retrato de Lucien Febvre*. Plataforma Persée. Disponível em: <https://www.persee.fr>. Acesso em: 6 jun. 2026.

Como cofundador da Escola dos Annales e autor de *Combates pela História*, Febvre constitui o eixo teórico desta monografia. O retrato apresentado contribui para situar o leitor diante do historiador cuja trajetória intelectual fundamenta a discussão sobre a crítica à História Tradicional e sobre as transformações metodológicas da historiografia contemporânea.

Lucien Febvre, historiador francês nascido em Nancy em 22 de julho de 1878, cresceu na região da Lorena, território marcado por intensas tensões geopolíticas entre França e Alemanha.

Inserido em um cenário de transformações políticas, culturais e científicas, Febvre teve contato com diferentes tradições intelectuais, especialmente francesas e alemãs, que contribuíram para sua formação interdisciplinar.

Foi nesse panorama que se desenvolveu em Febvre o interesse por diferentes áreas do conhecimento, como a filosofia, a geografia e a psicologia — campos que, mais tarde, influenciariam diretamente sua formação intelectual e sua concepção inovadora de história.

Febvre formou-se na influente *École Normale Supérieure*, onde estudou Letras e História e entrou em contato com importantes intelectuais de seu tempo.

Embora sua formação inicial estivesse ligada à filosofia e à literatura clássica, seu interesse pela geografia ampliou sua perspectiva de análise e contribuiu para o desenvolvimento de ideias aplicadas ao conhecimento histórico.

Graduou-se em História em 1902 e obteve o título de doutor em 1912 na Sorbonne, Universidade de Paris. Ao longo de sua trajetória acadêmica, atuou como professor na Faculdade de Letras de Dijon, na Faculdade de Estrasburgo e, posteriormente, no *Collège de France*, a partir de 1933.

A trajetória de Febvre consolidou sua posição como um dos principais líderes intelectuais da historiografia francesa. Durante a Primeira Guerra Mundial, prestou serviços militares e, posteriormente, desempenhou missões de natureza acadêmica e diplomática em diferentes países, entre os quais Iugoslávia, Áustria, Inglaterra, Turquia, Itália, Argentina, Paraguai e Brasil. No contexto brasileiro, sua atuação adquiriu relevância particular, sobretudo por sua participação nos debates intelectuais e institucionais que antecederam e influenciaram a criação da Universidade de São Paulo (USP).

O ano de 1929 constitui um marco paradigmático para a historiografia contemporânea devido à emergência do movimento dos *Annales*.

O grupo originou-se a partir da fundação da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, editada e coordenada por Marc Bloch e Lucien Febvre.

Nesse contexto, Febvre foi instigado a questionar o pensamento histórico de sua época, dominado na França pela Escola Metódica, cujos membros passaram a ser duramente criticados.

Nasceu, assim, o desejo de reformular as metodologias utilizadas pelos intelectuais de então. Foi com essa intenção que Febvre posicionou-se de forma combativa, demonstrando que o fazer historiográfico necessitava de novos métodos de interpretação.

Para Febvre, a história não poderia limitar-se ao olhar de um observador estático e linear, voltado apenas aos fatos políticos e às elites. O conhecimento histórico deveria partir de problemas, interrogar as fontes e considerar as múltiplas circunstâncias que envolvem os acontecimentos (Febvre, 1989).

Nesse cenário, inaugurou-se uma fase em que a história necessitava de novos métodos para sua validação no contexto pós-guerra (1914-1918). Nesse ínterim, conforme explica Guimarães:

No que compete à história feita após a guerra de 1914-1918, para os historiadores metódicos, o conflito não parece ter comprometido o laço entre a função do conhecimento da história e a sua função cívica nacional; porém, para Lucien Febvre, a guerra deve levar a um exame de consciência dos historiadores. Além disso, revela a crise da história e o faz tomar consciência de sua responsabilidade de cientista e da

necessidade de organizar o trabalho de transformação da disciplina. O sentimento da França depois da guerra é de crise intelectual dominada pela incerteza, instabilidade, indefinição e também pela falência da ciência. Contudo, também é um tempo de reconstrução, em que reposicionar-se no cenário internacional e construir uma nova normalidade interna tornavam-se, para a França, caminhos complexos. Yamashita lembra que, para a historiografia, a guerra também foi um divisor de águas: quando os metódicos viram a necessidade de reafirmar suas bases e espaços de atuação, Febvre e Bloch encontraram as brechas para a sua iniciativa. Nesses dois momentos distintos, o que movia a historiografia era a vontade de consolidar as bases científicas da disciplina (Guimarães, 2020, p. 42).

Percebe-se, desse modo, que a historiografia passou por um período turbulento na produção do saber. Caminhando para uma nova abordagem, Febvre e Bloch debruçaram-se sobre questões sensíveis, provocando debates profundos diante da crise metodológica surgida no pós-guerra. Vivenciava-se o esgotamento de velhos paradigmas, especificamente diante de ideias que viriam a impactar sobremaneira a Escola Metódica, transformando radicalmente a maneira de pensar e de escrever o tempo histórico.

A influência de Lucien Febvre evidenciou-se de forma preponderante com a fundação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, em 1929, em parceria com Marc Bloch. O movimento, que mais tarde ficaria conhecido mundialmente como a "Escola dos Annales", transformou-se no espaço de grande destaque para a propagação das propostas renovadoras de Febvre ao longo do século XX.

O propósito do autor fundamentava-se no desejo de mudança institucional e epistemológica, rompendo com a história tradicional e propondo um modelo historiográfico baseado na interdisciplinaridade, em diálogo com áreas como geografia, sociologia, economia, antropologia e psicologia.

Para atingir esse objetivo, Febvre sempre demonstrou em seus escritos que os estudos históricos devem considerar todas as circunstâncias que envolvem o objeto de estudo. Assim, o historiador estabelece que o conhecimento histórico deve buscar a totalidade, integrando as diversas vertentes do saber humano (Febvre, 1989).

Nota-se uma preocupação constante em não deixar nenhum elemento sem o devido questionamento crítico ou problematização durante a pesquisa.

O século XX, portanto, foi profundamente marcado pelas insurgências de novas correntes teóricas.

Na academia francesa, onde a influência do positivismo ainda se impunha como fator determinante na produção do saber, a história permanecia excessivamente centralizada na narrativa política, nos acontecimentos factuais de curta duração e em figuras de poder amparadas por documentos oficiais do Estado.

Diante desse cenário limitador, Febvre propôs uma ruptura metodológica ao defender uma nova forma de interrogar as fontes e de reconstruir o fato histórico — bases que seriam amplamente desenvolvidas em seus ensaios posteriores.

Lucien Febvre destacou-se na historiografia do século XX como cofundador da Escola dos Annales e defensor de uma abordagem totalizante do passado. Sua formação interdisciplinar, marcada pelo diálogo com a geografia, a linguística e outras ciências humanas, fortaleceu sua crítica ao positivismo tradicional e sua defesa de uma história atenta às estruturas sociais e às dinâmicas culturais.

As proposições de Febvre passaram a ser reconhecidas como fundamentais para a formulação de uma nova metodologia historiográfica. Sua obra contribuiu para deslocar o historiador da posição de simples narrador dos acontecimentos para a de intérprete crítico dos problemas históricos.

Alinhado à postura rigorosa de Febvre perante o conhecimento histórico, vale destacar sua busca pela reformulação dos parâmetros historiográficos vigentes. Segundo sua perspectiva, a eficácia do método analítico dependia da capacidade do historiador de interrogar exaustivamente o objeto, interpretando-o à luz das múltiplas variáveis que propiciaram o seu surgimento.

Como demonstrado, as publicações de Febvre consolidaram sua identidade intelectual, pautada na defesa de uma historiografia da complexidade. Ao longo de sua trajetória, o autor sustentou que a compreensão exaustiva do fenômeno histórico exige a articulação de suas dimensões intrínsecas e extrínsecas, viabilizando uma interpretação rigorosa que decodifique e elucide as contradições do objeto analisado.

Sob essa ótica, a relevância de Febvre na historiografia contemporânea vincula-se diretamente à sua sólida trajetória acadêmica e à sua atuação institucional de destaque. Com formação inicial em filosofia e literatura clássica, associada a um profundo interesse pela geografia, o historiador demonstrou inclinação precoce para abordagens inovadoras. Essa bagagem intelectual multidisciplinar instrumentalizou sua proposta de renovação dos fundamentos teóricos da história, conferindo uma nova roupagem metodológica à disciplina.

A Escola dos Annales tornou-se o principal espaço de divulgação desse projeto, ao propor uma história preocupada com a totalidade da experiência humana, com as estruturas sociais, com as coletividades e com os modos de pensar dos indivíduos.

Nesse horizonte, Febvre valorizava uma história dos pormenores, capaz de observar as práticas sociais, as sensibilidades e as mentalidades como dimensões constitutivas do processo histórico (Febvre, 1989).

O ponto alto desse projeto reformador encontra-se em *Combates pela História* (1953), coletânea na qual Febvre sistematiza críticas à história factual e propõe diretrizes para uma prática historiográfica mais crítica, interdisciplinar e problematizadora.

Essa capacidade analítica já se manifestava em sua tese de doutorado, *Felipe II e a Franche-Comté*, na qual Febvre mobilizou elementos socioespaciais e geográficos para interpretar fenômenos políticos regionais. Mais tarde, em *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*, o autor aprofundou a reflexão sobre as mentalidades, demonstrando a necessidade de compreender ideias, crenças e sensibilidades em seus próprios contextos históricos.

Dessa forma, Febvre evidenciou os limites da secularização na transição para a modernidade ao propor que “cada civilização corresponde à sua ferramenta mental; e essa ferramenta não é válida para a eternidade” (Febvre, 2009, p. 157).

Peter Burke reconhece esse alcance metodológico ao afirmar que o estudo de Febvre sobre Rabelais permanece como uma das grandes contribuições para a história das atitudes coletivas, posteriormente chamadas de mentalidades (Burke, 1997).

Assim, os fundamentos da ruptura proposta por Febvre articulam interdisciplinaridade, estudo das mentalidades, ampliação das fontes, crítica à narrativa factual e valorização das estruturas sociais e culturais.

Após a morte de Marc Bloch, Febvre assumiu papel decisivo na continuidade da revista *Annales* e na consolidação de um ambiente intelectual que favoreceria, posteriormente, a contribuição de Fernand Braudel e o desenvolvimento da noção de longa duração.

Lucien Febvre desempenhou papel relevante não apenas na renovação da historiografia, mas também na redefinição das atribuições do historiador. Sua trajetória e produção intelectual permanecem referências essenciais para uma história crítica, interdisciplinar e comprometida com a complexidade do passado humano.

A morte de Febvre, em 1956, encerrou uma trajetória intelectual marcada pela defesa de uma história viva, crítica e aberta às ciências humanas. Seu legado, entretanto, permaneceu decisivo para a renovação historiográfica e para a consolidação dos *Annales* como movimento de alcance internacional.

Assim, o percurso biográfico e intelectual de Lucien Febvre evidencia que sua contribuição ultrapassou a dimensão individual de sua trajetória acadêmica, constituindo-se como parte de um projeto mais amplo de renovação da escrita da história. Ao articular formação interdisciplinar, atuação institucional e crítica aos limites

da historiografia tradicional, Febvre consolidou as bases de uma nova prática historiográfica, orientada pela problematização, pela abertura metodológica e pela compreensão da complexidade da experiência humana.

2.2 Contexto Histórico Tradicional do Século XIX

Ao tratar da historiografia tradicional do século XIX, é importante reconhecer que ela não surgiu de forma isolada, mas como resultado de um longo processo de construção da escrita histórica no Ocidente.

Nesse período, a escrita da história ainda estava fortemente vinculada à narrativa dos acontecimentos e à transmissão de experiências humanas, sem o aparato metodológico que passaria a caracterizar a disciplina nos séculos posteriores. Como observa Calvino (1991), os clássicos permanecem atuais porque continuam a oferecer novos significados a cada leitura, o que explica sua permanência como referências intelectuais e culturais. Assim, os textos da Antiguidade não apenas registraram fatos, mas também contribuíram para moldar formas duradouras de compreender o passado.

Os primeiros historiadores gregos, como Heródoto, Tucídides e Xenofonte, foram decisivos para a constituição da historiografia ocidental, pois estabeleceram formas narrativas e procedimentos de investigação que influenciaram a escrita da história por séculos. Heródoto e Tucídides, em particular, ocupam lugar central nesse processo, uma vez que seus prólogos já evidenciam diferenças fundamentais na maneira de conceber a investigação histórica e a escrita do passado (Soares, 2018).

No caso de Xenofonte, sua produção também contribuiu para ampliar e diversificar os modos de narrar o passado, dialogando de forma autônoma com a tradição historiográfica inaugurada por seus predecessores (Cerdas, 2016). Esses autores clássicos não apenas moldaram o imaginário histórico do mundo antigo, mas também permaneceram como referências importantes para novas interpretações historiográficas. Nesse sentido, a narrativa histórica pode ser compreendida como uma forma de organizar e atribuir sentido à experiência temporal, pois, como afirma Ricoeur, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo” (Ricoeur, 1994, p. 15). Assim, a escrita da história não se limita ao registro dos acontecimentos, mas os ordena e interpreta no interior de uma determinada experiência do tempo histórico.

Nesse horizonte, a historiografia antiga já indicava que narrar o passado não significava apenas registrar fatos, mas também interpretar ações humanas, conflitos e permanências a partir

de uma determinada experiência histórica. Por isso, os textos clássicos de Heródoto, Tucídides e Xenofonte permanecem fundamentais não apenas como fontes sobre a Antiguidade, mas também como referências para compreender a formação dos modos de escrita da história e a relação entre narrativa, memória e tempo histórico (Ricoeur, 1994; Cerdas, 2016; Soares, 2018).

A permanência desses modelos historiográficos ao longo do tempo evidencia que, desde a Antiguidade, a escrita da história não se restringia à simples conservação da memória, mas já implicava uma elaboração intelectual do passado, mediada por escolhas narrativas, perspectivas de análise e formas específicas de inteligibilidade histórica.

Desse modo, a tradição clássica legou não apenas relatos sobre acontecimentos pretéritos, mas também fundamentos epistemológicos que influenciaram, em diferentes graus, as posteriores concepções de verdade, método e interpretação no campo historiográfico.

Com o avanço dos séculos e a progressiva institucionalização da História como disciplina, tais fundamentos foram reelaborados à luz de novas exigências teóricas e metodológicas, especialmente no século XIX, quando a pretensão de cientificidade passou a ocupar lugar central na definição do conhecimento histórico.

É nesse contexto que se consolidam os pressupostos da historiografia tradicional, marcada pela valorização da objetividade, da crítica documental e da narrativa factual, elementos que, mais tarde, seriam problematizados por autores como Lucien Febvre e pelos historiadores vinculados à Escola dos Annales.

No século XIX, a consolidação da História como disciplina acadêmica esteve fortemente associada ao ideal de cientificidade, o que levou muitos historiadores a defenderem uma prática baseada na objetividade, na crítica rigorosa das fontes e na reconstrução fiel dos acontecimentos.

Nesse contexto, a chamada historiografia tradicional, especialmente vinculada à Escola Metódica, privilegiou os fatos políticos, os grandes personagens e os documentos oficiais, entendendo que o papel do historiador consistia em narrar o passado tal como ele teria efetivamente ocorrido.

Embora esse modelo tenha contribuído para sistematizar procedimentos importantes da pesquisa histórica, sua ênfase na narrativa factual e sua confiança na neutralidade do historiador passaram a ser questionadas ao longo do século XX, sobretudo por autores ligados aos Annales, que propunham uma história mais ampla e problematizadora (Burke, 1997).

Em meio às adversidades provocadas pelos impactos das guerras, a História passou a exigir novas formas de investigação capazes de compreender as tensões sociais, políticas e econômicas de seu tempo. Nessas circunstâncias, tornou-se necessário desenvolver métodos de

pesquisa mais amplos, que permitissem analisar os fatos sociais e tornar mais inteligível o processo histórico vivido pelas sociedades.

Como os métodos historiográficos predominantes já não conseguiam responder de modo satisfatório às transformações sociais do período, Lucien Febvre e Marc Bloch passaram a defender uma história mais aberta ao diálogo interdisciplinar e menos limitada aos pressupostos positivistas da Escola Metódica. Em 1929, esse movimento de renovação ganhou forma institucional com a criação da revista *Annales d'histoire économique et sociale* (Burke, 1997).

A crise dos paradigmas tradicionais abriu espaço para novos modelos de interpretação histórica, capazes de considerar as relações entre indivíduo, sociedade, tempo, espaço e cultura.

Dessa forma, vários historiadores se propuseram a assumir a responsabilidade de transformar a maneira como a história é compreendida e escrita. Nesse momento, o livro *Combates pela História*, de Lucien Febvre, tornou-se instrumento fundamental de divulgação de novas metodologias, consolidando a ruptura com a história tradicional, marcando profundamente o aparecimento de novos procedimentos historiográficos, direcionando a maneira de pensar a história para a implantação de uma história capaz de lidar com as complexidades do meio em que está inserido o homem culturalmente no seio da sociedade..

Vale ressaltar que, no século XIX, a História consolidou-se como disciplina acadêmica sob forte influência do ideal de cientificidade, do modelo rankeano e dos procedimentos metodológicos sistematizados pela Escola Metódica francesa, especialmente por Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos. Essa tradição valorizava a crítica documental, os arquivos oficiais, a neutralidade do historiador e a narrativa dos acontecimentos políticos, aspectos posteriormente criticados pelos historiadores dos *Annales* (Ranke, 1981; Burke, 1997).

Com base em Burke (1997), pode-se afirmar que a historiografia tradicional, vinculada à Escola Metódica francesa, atribuía centralidade ao documento escrito oficial, defendia a neutralidade do pesquisador e compreendia o fato histórico como uma realidade objetiva e independente. Nessa perspectiva, caberia ao historiador reconstruir e narrar os acontecimentos com rigor documental, sem problematizar de forma mais ampla as dimensões sociais, econômicas e culturais do passado.

Sob essa ótica, os vestígios do passado não trazem significados intrínsecos, mas dependem fundamentalmente das indagações metodológicas que lhes são direcionadas, conforme elucida o autor:

Os textos, ou os vestígios arqueológicos, mesmo os mais claros aparentemente e os mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los. [...] Toda pesquisa histórica supõe, desde os seus primeiros passos, que a investigação tenha já uma direção. No princípio, existe o espírito. Nunca, em ciência alguma, a observação passiva deu frutos (Bloch, 2001, p. 79).

De acordo com a visão de Bloch (2001), essa exigência metodológica transforma a atuação do historiador. Ele deixa de ser um mero colecionador passivo de documentos para se tornar um pesquisador ativo. Dessa forma, seu papel principal passa a ser a construção de problemas, hipóteses e questionamentos direcionados aos materiais históricos.

Essa mudança também ampliou a noção de fonte histórica. Se a história tradicional se concentrava nos arquivos estatais, os Annales defenderam que todo vestígio da atividade humana poderia ser interrogado historicamente. Por isso, Bloch afirma que “o bom historiador assemelha-se ao ogro da lenda. Onde ele sente cheiro de carne humana, ele sabe que sua presa está lá” (Bloch, 2001, p. 54).

Ao definir a história como “a ciência dos homens no tempo” (Bloch, 2001, p. 55), Bloch aproxima-se da perspectiva de Febvre, para quem a escrita da história deveria considerar a totalidade da experiência humana e rejeitar a análise isolada dos fatos.

Os autores defendem a “história total”, rejeitando a análise isolada dos fatos. Para isso, propõem superar as divisões burocráticas entre as ciências sociais em favor de uma pesquisa interdisciplinar e integrada.

Essa metamorfose epistemológica também redefiniu a relação entre passado e presente. A pretensa neutralidade do século XIX, que exigia o afastamento absoluto do pesquisador em relação ao seu tempo, foi substituída pela compreensão de que as perguntas dirigidas ao passado nascem das inquietações do presente.

Bloch, ao examinar a relação entre passado e presente, afirma: “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas pode ser igualmente vão esgotar-se em compreender o passado se nada se souber do presente” (Bloch, 2001, p. 65).

Diante desse panorama de tensões epistemológicas entre a tradição historiográfica oitocentista e as novas abordagens que emergiram no século XX, torna-se fundamental compreender o papel desempenhado por Lucien Febvre na redefinição do ofício do historiador. Sua obra *Combates pela História* não apenas expressa uma crítica contundente ao positivismo e à crença no “documento como verdade absoluta”, mas inaugura uma perspectiva inovadora

que reposiciona a História como um campo dinâmico, interdisciplinar e orientado por problemas.

Em síntese, pode-se compreender que a historiografia tradicional do século XIX, embora tenha sido importante para a institucionalização da História como disciplina acadêmica, apresentou limites significativos ao privilegiar a crítica documental, a narrativa política e a pretensão de neutralidade do pesquisador. Foi como resposta crítica a esses limites que se fortaleceram, no século XX, novas propostas metodológicas, especialmente aquelas formuladas por Lucien Febvre e Marc Bloch. Desse modo, a crítica ao modelo metódico prepara a passagem para a análise da Escola dos Annales, movimento que buscou ampliar os objetos, as fontes e os métodos da pesquisa histórica.

2.3 Escola dos Annales e suas propostas

Em meio às tensões políticas, sociais e intelectuais do início do século XX, intensificaram-se as críticas ao modelo historiográfico tradicional. A insatisfação com a narrativa factual e documentalista abriu caminho para propostas que buscavam renovar os fundamentos da disciplina histórica.

Nesse contexto, a Escola dos Annales surgiu como uma iniciativa de reformulação epistemológica da história, orientada pelo diálogo com as ciências sociais e pela ampliação dos objetos de investigação.

Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, a revista *Annales d'histoire économique et sociale* tornou-se o principal espaço de divulgação dessas ideias renovadoras.

Figura 2 – Capa original do primeiro volume da revista *Annales d'histoire économique et sociale*



Fonte: *Annales d'histoire économique et sociale*. Paris: Armand Colin, v. 1, n. 1, 1929. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/ahess_0003-441x_1929_num_1_1. Acesso em: 6 jun. 2026.

A capa original do volume inaugural da revista *Annales d'histoire économique et sociale* ilustra o surgimento institucional da Escola dos Annales, criada em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre. Sua presença neste trabalho justifica-se porque a revista representa um marco da ruptura com a História Tradicional e da afirmação de uma abordagem interdisciplinar, voltada às dimensões sociais, econômicas e culturais da experiência humana.

A criação da revista, em 1929, marcou profundamente as transformações teóricas e metodológicas da historiografia contemporânea (Burke, 1997). O movimento constituiu uma reação ao predomínio da Escola Metódica na França e à permanência de uma história política, factual e documentalista.

Ao contestarem esse reducionismo documental e narrativo, Febvre e Bloch propuseram uma história orientada por problemas, na qual o pesquisador interroga ativamente os vestígios do passado a partir das inquietações de seu próprio tempo (Febvre, 1989).

Um acontecimento marcante desse período de transição foi a posse de Lucien Febvre na prestigiada cátedra de História da Civilização Moderna no Collège de France, em dezembro de 1933, que culminou na consolidação institucional do movimento dos Annales por meio de sua célebre aula inaugural, intitulada *Face ao Vento: Manifesto de uma História Viva*, como está expresso em *Combates pela História*: “Manifesto dos novos Annales” (Febvre, 1989, p. 42).

Mais do que um rito de passagem acadêmico, o discurso configurou-se como um manifesto de resistência epistemológica e política diante das profundas crises que abalavam a Europa numa fase de grandes tensões e incertezas, impulsionadas pela ascensão dos regimes totalitários.

Ao convocar os historiadores a atuarem “face ao vento”, isto é, em contato direto com as inquietações do presente, Febvre rompeu com o ideal de distanciamento absoluto e com a pretensa imparcialidade da Escola Metódica do século XIX. Nesse sentido, afirmava: “Entre o vento e nós, nenhum anteparo. Vivamos face ao vento, como de resto convém a homens que estão no mar” (Febvre, 1989, p. 33). O impacto dessa lição de abertura consistiu na redefinição da função social da disciplina: a História deixava de ser compreendida como simples inventário de fatos pretéritos e passava a ser reivindicada como uma prática crítica, capaz de oferecer inteligibilidade às inquietações de seu próprio tempo.

Para Febvre, a legítima prática de pesquisa residia justamente na recusa ao distanciamento alienante do passado, operando sob a premissa de que a história deve ser “uma história viva, concebida para os vivos e de acordo com a própria medida das necessidades dos vivos” (Febvre, 1989, p. 32).

Ao converter o púlpito do Collège de France em um verdadeiro campo de batalha conceitual, Febvre institucionalizou a história-problema e fixou o princípio de que o conhecimento do passado só adquire plena validade científica e humanística quando se faz sensível e poroso às fraturas da vida contemporânea (Febvre, 1989). Essa convocação febvriana para que o historiador trabalhasse em diálogo aberto com as intempéries de sua própria época não apenas fraturou o purismo metodológico do século

XIX, mas lançou os fundamentos epistemológicos para a posterior emergência e consolidação da História do Tempo Presente.

Ao estabelecer o engajamento com a realidade imediata como elemento importante da pesquisa histórica, Febvre antecipou debates que, posteriormente, seriam aprofundados pela História do Tempo Presente.

Sob essa ótica, o manifesto de 1933 desconstrói o dogma metódico de que o recuo cronológico absoluto e o distanciamento temporal seriam garantias exclusivas de objetividade.

A História do Tempo Presente herda, portanto, a convicção de Febvre de que a proximidade com o objeto e a vivência da crise não impedem o rigor científico; pelo contrário, são precisamente as demandas urgentes de uma sociedade em transformação que exigem do historiador um diagnóstico analítico fundamentado.

Assim, o imperativo de viver “face ao vento” redefine o papel do tempo na pesquisa histórica: o presente deixa de ser visto apenas como consequência do passado e passa a ser compreendido como o ponto de partida das perguntas que orientam a produção do conhecimento histórico sobre a experiência humana.

O conceito de “face ao vento” expressa a exigência de uma História comprometida com as inquietações do presente, sem abandonar o rigor metodológico. Para Febvre, o historiador deve enfrentar as tensões de sua época e transformar essas inquietações em problemas de pesquisa, interrogando o passado de modo crítico e socialmente relevante.

Assim, a História deixa de ser simples reconstrução de fatos pretéritos e passa a constituir uma prática intelectual ativa, capaz de relacionar passado e presente na compreensão da experiência humana.

A crítica dos Annales pode ser mais bem compreendida quando confrontada com a tradição associada a Ranke. Segundo esse autor, a função do historiador seria expor os acontecimentos “como eles de fato ocorreram” (Ranke, 1981, p. 58). Essa concepção, baseada no estudo rigoroso de documentos escritos e oficiais, foi posteriormente absorvida e sistematizada pela Escola Metódica francesa, representada por Langlois e Seignobos.

Quando se examina a história dos Annales, isto é, sua passagem e influência pela historiografia desde os combates de seus primeiros fundadores até seus desdobramentos nas últimas décadas do século XX, têm-se diferentes visões possíveis em relação às continuidades e descontinuidades do movimento. Há autores que discutem uma ruptura entre os novos dirigentes da Revista dos Annales, que a assumiram a partir de 1969 e que ficariam conhecidos como “terceiros Annales”, e o

projeto de história global que era sustentado pelos fundadores e consolidadores da Escola dos Annales até 1968 (Barros, 2012, p. 207).

Sob o prisma das transformações da escrita da história, o estudo sobre a Escola dos Annales nos permite analisar o pensamento de Lucien Febvre, enfatizando sua contraposição ao modelo historiográfico tradicional de vertente positivista. Por meio do exame das teses centrais de Combates pela História, busca-se evidenciar a contribuição do autor para a renovação intelectual do século XX.

Investigando os princípios teóricos partilhados por Febvre e Marc Bloch, será possível identificar os fatores que os levaram a contestar a metodologia da Escola Metódica e a consolidar o rompimento definitivo com a tradição historiográfica oitocentista.

Esse processo de transformação historiográfica desenvolveu-se ao longo do tempo em um contexto adverso, marcado pelas tensões e pelos impactos das guerras.

Nesse cenário, a História precisou ampliar seu campo de análise, passando a incluir as múltiplas atividades humanas e os diversos aspectos da vida social. Febvre sintetiza essa posição ao afirmar que não há uma história econômica e social separada, mas “a história simplesmente, na sua totalidade”, uma história que é, por definição, social (Febvre, 1989, p. 29).

Essa concepção indicava que a história deveria preocupar-se com os homens em sociedade, considerando suas relações coletivas, suas práticas culturais e suas formas de organização social.

Segundo Burke (1997), Febvre chegou a idealizar, após a Primeira Guerra Mundial, uma revista internacional dedicada à história econômica, que seria dirigida pelo historiador belga Henri Pirenne. Embora essa primeira iniciativa não tenha prosperado, ela revela o interesse de Febvre por uma historiografia mais aberta e internacionalizada.

Ainda de acordo com Burke, Marc Bloch foi responsável por retomar esse projeto, o que levou à criação da revista *Annales d'histoire économique et sociale*.

Nesse cenário de tentativa de implantação da revista, Burke (1997) relata que Henri Pirenne foi convidado para assumir sua direção. Com sua recusa, Febvre e Bloch tornaram-se os editores da publicação. De acordo com Burke (1997):

[...] Originalmente chamada Annales d'histoire économique et sociale, tendo por modelo os Annales de Géographie de Vidal de La Blache, a revista foi planejada, desde seu início, para ser algo mais do que uma outra revista histórica. Pretendia

exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica. Seria o porta-voz, melhor dizendo, o alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história (Burke, 1997, p. 23).

Como visto, a historiografia passou por diversas transformações ao longo do tempo, refletindo mudanças na forma como os historiadores interpretam e analisam os acontecimentos do passado.

A criação dos *Annales* justificava-se, portanto, pela necessidade de uma história viva e dinâmica. Nas palavras de Febvre, “não há história de ontem, há a história de sempre — a história em marcha” (Febvre, 1989). Essa postura intelectual rompeu com estruturas rígidas herdadas do século XIX e abriu caminho para novas formas de pesquisa histórica.

Conforme afirma Febvre (1989, p. 21), o trabalho do historiador não deve ser o de apenas coletar dados e datas de forma passiva. Pelo contrário, a história exige que o pesquisador construa seu objeto de estudo a partir de perguntas e problemas teóricos que deem sentido aos documentos. Assim, ao trocar a descrição de fatos isolados pela chamada “história-problema”, Febvre e Bloch romperam com o modelo do século XIX e abriram caminho para uma história ligada a outras ciências humanas.

Nesse processo de renovação historiográfica, a contribuição de Marc Bloch foi fundamental, especialmente por meio de sua obra póstuma, *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*.

Enquanto Febvre combatia as velhas estruturas no campo institucional, Bloch dedicou-se a decifrar a natureza do fazer histórico. Conforme explica Bloch (2001, p. 53), a história não é a ciência do passado, mas sim a ciência dos homens no tempo. Para o autor, o passado só ganha significado quando interrogado a partir das inquietações do presente, o que exige do pesquisador uma postura de permanente investigação e análise crítica, afastando-se da mera narrativa factual que caracterizava a Escola Metódica.

Bloch foi, portanto, figura central no desenvolvimento dos propósitos dos *Annales* e contribuiu de modo decisivo para a renovação metodológica da historiografia.

Bloch, no seu livro *Apologia da História*, escrito quando se encontrava preso por participar da resistência na luta contra os nazistas, escreveu:

Para além dos elementos teóricos que nos interessaram até aqui, é preciso dizer que *Apologia da História* discute com especial interesse questões metodológicas, como a “mediação” do conhecimento historiográfico ou a natureza das fontes históricas, tratadas por Marc Bloch sob o signo de

"vestígios", o que já o aproxima de uma abordagem mais moderna do documento histórico (Bloch, 2001, p. 73).

A contribuição de Bloch também foi decisiva por enfatizar a mediação do conhecimento histórico e por tratar as fontes como vestígios a serem interrogados criticamente. Essa perspectiva consolidou a abertura metodológica proposta pelos Annales e fortaleceu a crítica à passividade documental da Escola Metódica.

Essa nova postura teórica exigiu, obrigatoriamente, a adoção da interdisciplinaridade como eixo metodológico central da Escola dos Annales. Para romper com o isolamento da história tradicional, Bloch e Febvre defenderam que a realidade social não poderia ser explicada de forma isolada. Assim, a história abriu suas portas para o diálogo sistemático com outras ciências humanas, como a Geografia, a Sociologia, a Economia e a Psicologia Coletiva.

Essa articulação permitiu aos historiadores investigar não apenas os grandes tratados políticos, mas também as estruturas econômicas, as paisagens rurais e as mentalidades coletivas de uma época.

Conforme assinala Barros (2012), a base teórica dos fundadores da Escola dos Annales, especialmente Marc Bloch e Lucien Febvre, resultou da intersecção entre diferentes heranças intelectuais, entre as quais se destacam Karl Marx e Jules Michelet.

De Marx, os Annales incorporaram a atenção às estruturas econômicas e sociais, bem como a necessidade de compreender os processos históricos para além dos acontecimentos políticos isolados, perspectiva que contribuiu para deslocar a análise historiográfica dos grandes indivíduos para as dinâmicas coletivas e materiais da sociedade.

De Michelet, herdaram a valorização de uma história mais ampla da experiência humana, sensível ao povo, às práticas culturais, às sensibilidades e à multiplicação dos temas de investigação histórica, ultrapassando o campo restrito da história política tradicional (Barros, 2012).

Da tradição marxista, apreendeu-se a premência de uma análise historiográfica pautada em estruturas de longo prazo, constructo que subsidiará, posteriormente, a formulação da longa duração de Fernand Braudel.

Por outro lado, a influência de Michelet aparece na abertura dos Annales a novos temas e objetos de pesquisa. Como observa Barros, “De Michelet, os dois apreenderam a possibilidade de investir na multiplicação temática, ultrapassando o estreito universo de temas oferecidos pela História Política tradicional” (Barros, 2012, p. 224).

Além disso, a valorização do quadro geográfico tornou-se uma dimensão metodológica fundamental dos Annales, iniciada por Febvre e posteriormente aprofundada por Braudel. Essa forma de análise passou a ocupar lugar de destaque na historiografia francesa das décadas de 1960 e 1970, consolidando-se como recurso indispensável para o desenvolvimento de pesquisas voltadas aos contextos regionais e nacionais.

Barros ainda salienta que: “Outro aspecto importante trazido pela historiografia de Febvre e a valorização do quadro geográfico – um traço de escrita da história que, aperfeiçoado por Fernand Braudel, seria transmitido a toda geração de historiadores” (Barros, 2012, p. 230). Quanto a isso, a contribuição de Paul Vidal de La Blache foi fundamental nos aspectos referentes ao Possibilismo Geográfico.

Nesse sentido, Febvre compreendia que o espaço tinha grande importância na investigação histórica, pois o lugar em que os fatos são produzidos influencia as possibilidades de ação humana e as formas de organização social.

Desse modo, a Escola dos Annales, embora dialogasse com correntes historiográficas anteriores, avançou para uma nova abordagem ao evidenciar os limites da tradição metódica e ao propor uma história mais ampla, crítica e interdisciplinar.

Diante do exposto, conclui-se que a fundação da Escola dos Annales promoveu uma verdadeira revolução epistemológica na escrita da história no século XX. Ao combater o modelo positivista herdado de Ranke e enrijecido pelos metódicos, Febvre e Bloch transformaram a disciplina em um campo dinâmico, plural e problemático. A substituição do fato isolado pela "história-problema", aliada à ampliação das fontes e à abertura interdisciplinar, não apenas rompeu com as amarras metodológicas do século XIX, mas também estabeleceu as bases para que as futuras gerações de historiadores pudessem compreender a experiência humana em toda a sua complexidade social.

Na perspectiva de Febvre, a história tradicional falhava ao isolar-se em narrativas factuais e ao reduzir o trabalho do historiador à leitura de documentos oficiais. Para superar esse modelo, era necessário adotar uma postura ativa diante do passado.

Corroborando essa postura, Burke (1997) assevera que a fundação dos Annales deslocou o eixo da pesquisa para o campo das ciências sociais, o que favoreceu uma interpretação dos fatos históricos de forma mais ampla para fins de análise do cotidiano social, considerando também as estruturas.

Assim, os pressupostos de ruptura com a historiografia tradicional, interdisciplinaridade, história-problema, história das mentalidades, história total e

ampliação das fontes, convergiram para as transformações metodológicas propostas pelos Annales e prepararam o caminho para os debates que seriam aprofundados no capítulo seguinte.

3 COMBATES PELA HISTÓRIA E A HISTÓRIA TRADICIONAL

Combates pela História, de Lucien Febvre, constitui um marco da historiografia moderna. Publicada originalmente em 1953, a obra reúne artigos, ensaios e intervenções críticas que expressam o espírito renovador da Escola dos Annales e sintetizam a oposição de Febvre à história factual, política e documentalista.

A seguir, apresenta-se a capa da edição portuguesa de *Combates pela História*, obra central desta pesquisa e referência fundamental para compreender a crítica de Febvre à História Tradicional e sua defesa de uma historiografia problematizadora.

A análise de *Combates pela História* exige compreender a obra como uma coletânea de ensaios voltada à intervenção teórico-metodológica no campo historiográfico. Mais do que reunir textos dispersos, o livro organiza uma crítica ao modelo tradicional de escrita da história e apresenta princípios para uma prática historiográfica renovada.

O termo “combates” sintetiza a postura intelectual de Febvre: enfrentar o positivismo, questionar a passividade do historiador diante das fontes e defender uma história viva, problematizadora e aberta ao diálogo com outras ciências humanas. Assim, a capa não possui apenas valor ilustrativo, mas contextualiza simbolicamente o eixo central desta pesquisa, pois anuncia uma obra que se tornou referência para compreender as transformações metodológicas promovidas pela Escola dos Annales e pela renovação historiográfica contemporânea.

Essa obra foi escrita em um período de profundas crises e tensões globais na primeira metade do século XX.

Seus ensaios respondiam a uma urgência social na tentativa de encontrar respostas sobre os fenômenos sociais.

Conforme Febvre, esse livro não teve a intenção de abordar somente aspectos históricos, num período em que se falava muito em história econômica e social, reconhecendo-se, na visão dele, que não haveria, ao se afirmar com propriedade, uma história econômica e social (Febvre, 1989).

Esse pensamento relaciona-se diretamente à ideia de história total, segundo a qual a interpretação historiográfica deve considerar todas as atividades humanas e não isolar a história das demais ciências sociais, como ocorria em parte da tradição metódica do século XIX.

Para Febvre, a história é qualificada como uma disciplina orientada cientificamente, e não propriamente como uma ciência, atribuindo-lhe um papel relevante na análise das ações humanas (Febvre, 1989).

Nesse sentido, Febvre argumenta que podemos nos interessar mais especificamente por uma das atividades humanas, por exemplo, suas atividades econômicas, segundo condições preestabelecidas, para jamais esquecer que tais atividades envolvem o indivíduo em sua totalidade, no contexto das sociedades que ele próprio criou (Febvre, 1989). Dessa forma, esta reflexão permite ao autor apresentar a essência da História Total, um método que seria uma das bandeiras centrais da metodologia da Escola dos Annales para a primeira geração de estudiosos. Em outras palavras, as estruturas econômicas ou instituições políticas não devem ser pensadas como entidades autônomas e abstratas, mas sim como efeitos diretos da ação coletiva em si, a atividade, os produtos e os resultados de uma força coletiva que é gerada no centro das sociedades humanas que o homem construiu e redefiniu ao longo do tempo.

Contudo, *Combates pela História* é uma obra importante para a compreensão da visão de Febvre com relação à história e sua metodologia.

Nessa perspectiva, o estudo da obra é essencial para abordar conceitos que ajudam a compreender a dinâmica da historiografia moderna.

A sociedade daquele período, marcada por guerras e mudanças rápidas, exigia da ciência histórica explicações sobre sua própria realidade, respostas que a história tradicional, limitada a narrativas factuais e políticas, já não conseguia oferecer.

Diante desse cenário, a obra alcançou um prestígio de amplitude internacional justamente por assumir a responsabilidade de guiar essa transição.

Ao expor as fragilidades metodológicas da Escola Metódica, Febvre não apenas criticou o passado, mas propôs mudanças significativas e duradouras no fazer historiográfico.

O impacto da publicação de *Combates pela História* foi decisivo para consolidar uma ruptura com o modelo oitocentista, redefinindo as fronteiras da disciplina e demonstrando que a história deve ser uma ferramenta viva, capaz de interrogar o passado para explicar as inquietações do tempo presente.

Combates pela História expressa, portanto, uma resposta aos impasses acadêmicos e às tensões intelectuais de seu tempo, propondo uma história capaz de interrogar criticamente o passado e dialogar com os problemas do presente.

O autor, conforme se observa, é profundamente ligado aos paradigmas historiográficos e apaixonado pelo que faz, segundo ele, ressalta que:

Amo a história. Se não a amasse, não seria historiador. Fazer a via em duas: consagrar uma à profissão, cumprida sem amor; reservar à outra a satisfação das necessidades profundas – algo de abominável quando a profissão que se escolheu é uma profissão de inteligência. Amo a história – e é por isso que estou feliz por vos falar, hoje, daquilo que amo (Febvre, 1989, p. 28).

A declaração de Febvre revela seu compromisso intelectual com a disciplina histórica e ajuda a compreender o tom combativo de sua obra. Em *Combates pela História*, esse compromisso transforma-se em crítica metodológica e em defesa de uma história viva, voltada à compreensão da experiência humana em sua complexidade.

Na época da escrita dessa obra, 1953, Febvre já era o autor de renome nos meios acadêmicos franceses, um historiador focado no desejo de mudança, durante toda a sua trajetória como renovador da história. Nessa linha, o autor entende que o campo histórico necessitava de renovação, objetivando uma história mais ampla e interpretativa.

O próprio título da obra evidencia sua dimensão polêmica: os “combates” de Febvre dirigem-se contra os limites da Escola Metódica francesa, especialmente contra a confiança excessiva no documento escrito, na neutralidade do historiador e na narrativa factual dos acontecimentos.

Convém destacar que os propósitos de *Combates pela História* já se articulavam ao projeto intelectual que desembocou na fundação da Escola dos Annales por Febvre e Bloch.

Segundo Burke (1997), antes da consolidação dos Annales, o sociólogo François Simiand já formulava críticas a práticas associadas à Escola Metódica, especialmente à centralidade da política, dos indivíduos excepcionais e da cronologia linear. Essas críticas ajudaram a preparar o terreno para a renovação historiográfica que Febvre e Bloch desenvolveriam posteriormente.

Nessa perspectiva, a leitura de Burke permite compreender Simiand como uma referência importante na crítica à história política tradicional, pois sua intervenção contribuiu para evidenciar a necessidade de relacionar os fenômenos históricos às dimensões sociais e de submeter as fontes a uma reflexão crítica capaz de conferir significado à pesquisa histórica (Burke, 1997).

Percebe-se que, a leitura de Burke permite compreender que Simiand figurou como um personagem contrário ao modelo positivista, assim como evidenciado em Febvre e Bloch.

3.1 Estrutura e proposta da obra

A organização de *Combates pela História* baseia-se na reunião de artigos, conferências e ensaios nos quais Febvre discute o conceito de História, o papel do historiador e os caminhos metodológicos necessários para renovar a disciplina.

A análise de seus fundamentos evidencia que Febvre defende uma história total, aberta à investigação crítica e capaz de envolver diferentes aspectos da vida humana em sociedade, como economia, sociologia, psicologia, antropologia e outros campos do conhecimento.

Combates pela História pode ser compreendida como um manifesto epistemológico da primeira geração dos Annales, pois reúne críticas ao modelo historiográfico tradicional e propõe uma história orientada por problemas, fontes ampliadas e diálogo interdisciplinar (Febvre, 1989).

O título da obra indica que a escrita da história não é uma atividade neutra ou meramente descritiva, mas um campo de disputa metodológica. Ao combater o “fetiche do documento”, Febvre questiona a ideia de que a pesquisa histórica deva restringir-se aos arquivos oficiais e demonstra que a vida humana deixa vestígios em suportes variados (Febvre, 1989).

Ao longo dos capítulos da sua obra, Febvre direciona seus principais argumentos contra o que chama de “fetiche do documento”. Ele contesta a premissa da Escola Metódica de que a história deveria se restringir aos arquivos estatais e diplomáticos textuais.

Para Febvre, a vida humana de uma época está impressa nos mais diversos suportes, justificando que poemas, quadros, ferramentas de trabalho e paisagens rurais sejam tratados como testemunhos legítimos (Febvre, 1989, p. 22).

Assim, a análise da obra revela que Febvre pretendia retirar o historiador da posição de mero copista do passado, transformando-o em um agente crítico que interroga as fontes a partir de problemas formulados no presente.

Febvre é incisivo na qualificação da história como uma disciplina cientificamente conduzida e não como uma ciência, dando à história um papel importante na análise dos

homens (Febvre, 1989). Nessa linha, o autor defende, por meio das suas proposições, que “podemos nos interessar mais especificamente por uma das atividades humanas, por exemplo, suas atividades econômicas, segundo algumas condições preestabelecidas para nunca esquecer que elas o põem em causa inteiro, e no âmbito das sociedades que criou” (Febvre, 1989, p. 31).

Dessa forma, Febvre esclarece que não é viável fragmentar artificialmente os aspectos da vida humana. A história do homem em sociedade deve considerar a complexidade das atividades econômicas, políticas, culturais, sociais e mentais, articulando-as em uma compreensão mais ampla da experiência histórica.

Combates pela História apresenta, portanto, uma visão crítica diante do engessamento da historiografia tradicional. Entre os conceitos que orientam essa renovação, destacam-se a interdisciplinaridade, a história-problema, a história total e o estudo das mentalidades.

Conceitos como interdisciplinaridade carregam a ideia de abordagem interdisciplinar com o auxílio da psicologia, geografia, sociologia e linguística no estudo da história (Febvre, 1989). Nessa perspectiva, observa-se que a ideia é buscar em outras ciências recursos teóricos para seus pressupostos historiográficos.

Outro elemento de destaque reside na história das mentalidades, vertente pela qual Febvre preconiza uma abordagem holística e abrangente, apta a abarcar as múltiplas dimensões da práxis humana. Sob essa ótica, o homem consolida-se como o objeto central da análise historiográfica, sendo suas ações compreendidas como forças motrizes e transformadoras da realidade social (Febvre, 1989).

Assim, o autor reforça a importância central do sujeito na formação das dinâmicas coletivas. Nesse sentido, a utilização desses pressupostos teóricos, combinada com a análise aprofundada de *Combates pela História*, mostra-se fundamental para embasar esta pesquisa, possibilitando o mapeamento de outros domínios conceituais que estão intrinsecamente alinhados à perspectiva de Febvre.

Vale aqui ressaltar, também, a contribuição de Paul Vidal de La Blache, um geógrafo francês, que teve uma grande influência nas ideias de Febvre ao escrever sua obra *Combates pela História*, debatendo sobre o “Possibilismo Geográfico”, enfatizando a relação do ser humano com o espaço geográfico.

O possibilismo geográfico, segundo La Blache, defende que o homem não apenas sofre a influência do meio em que vive, mas também o transforma. Segundo essa perspectiva, diversas possibilidades estão abertas para as ações humanas, pois estas não

seguem uma relação rígida de causa e efeito. Conforme o autor, o homem não é apenas um produto do meio, mas também um agente que o transforma (La Blache, 1994). Essas ideias foram incorporadas por Febvre em sua abordagem histórica como forme de fundamentos em *Combates pela História*.

A criação e as características de uma região dependem da história e da cultura de cada comunidade. É o trabalho contínuo dessa população que dá uma identidade única ao lugar, transformando o espaço físico natural em uma paisagem cultural.

Nessa perspectiva, Febvre reforça que o ambiente físico é inseparável das atividades humanas e deve ser considerado na análise das dinâmicas sociais (Febvre, 1989)

É conveniente citar, que Fernand Braudel também deve ser considerado um importante continuador do projeto dos Annales, sobretudo por desenvolver o conceito de longa duração e por enfatizar a análise das estruturas históricas de longo prazo, como a geografia e as formas de organização socioeconômica.

Braudel também apresenta o tempo histórico em três divisões – longa duração, ciclo ou conjuntura (tempo médio), e evento (acontecimento cotidiano ou eventualidades do dia a dia), permitindo uma análise mais rica e complexa da história.

Sob a perspectiva braudeliana, o tempo histórico organiza-se em diferentes ritmos: o tempo breve dos acontecimentos, o tempo médio das conjunturas econômicas e sociais, e a longa duração das estruturas, marcada por permanências lentas e resistentes que condicionam a vida das sociedades (Braudel, 1958).

Esta concepção permite superar uma visão linear e unidimensional da história, revelando uma trama complexa onde os eventos imediatos constituem apenas a superfície aparente de processos muito mais profundos e duradouros. Ao destituir o acontecimento de sua centralidade explicativa, Braudel (1949) demonstra que a crônica política factual só ganha inteligibilidade quando articulada às correntes subterrâneas da longa duração civilizacional.

Além disso, contribuiu também defendendo a interdisciplinaridade da história, argumentando que a história deve ser estudada em conjunto com outras ciências sociais para uma compreensão mais completa do passado.

Dessa forma, as reflexões reunidas em *Combates pela História* — em diálogo com debates propostos por outros expoentes dos Annales — consolidaram-se como marco teórico essencial para a Teoria da História. A obra ofereceu ferramentas conceituais para superar divisões metodológicas tradicionais e fortalecer o caráter interdisciplinar da disciplina.

Febvre também criticou explicações mecanicistas que reduziam a totalidade do social a reflexos automáticos das estruturas materiais. Ao fazê-lo, reivindicou a importância analítica das mentalidades, das ideologias e das práticas culturais na compreensão da experiência histórica.

Embora Febvre defendesse o diálogo com a Economia, ele rejeitava a ideia de que a história humana pudesse ser explicada por leis universais ou evoluções lineares automáticas. Em vez disso, o autor utiliza os ensaios de *Combates pela História* para lançar as bases da chamada "História das Mentalidades", defendendo que as crenças, os sentimentos e a psicologia coletiva de uma sociedade são forças estruturais tão determinantes quanto os fatores econômicos e políticos (Febvre, 1989). Assim, a obra firma-se como a base metodológica que transformou a prática do historiador no século XX.

Em contraposição às premissas da historiografia tradicional e positivista do século XIX, pautada em uma abordagem puramente cronológica e factual, Lucien Febvre (1989) argumenta que esse modelo clássico já não respondia às demandas epistêmicas de uma sociedade em constante transformação.

Diante desse descompasso, o autor reinscreve o estatuto científico da disciplina histórica, alinhando-o às exigências metodológicas da historiografia moderna. Para respaldar essa transição paradigmática, Febvre sustenta que a História é, por definição, intrinsecamente social, devendo ser entendida como:

[...] estudo, cientificamente conduzido, das diversas atividades e das diversas criações dos homens de outrora, tomados na sua data, no quadro de sociedades extremamente variadas e contudo comparáveis uma com as outras (é o postulado da sociologia) com as quais encheram a superfície da terra e a sucessão das épocas (Febvre, 1989, p. 30).

Sob essa ótica, Febvre promove uma ruptura em três dimensões: reivindica a história-problema contra a compilação passiva de acontecimentos; amplia o campo da disciplina para abarcar as criações, práticas e mentalidades humanas; e fortalece o diálogo da História com as ciências sociais. Assim, a História deixa de ser concebida como crônica de eventos isolados e passa a ser compreendida como investigação da experiência humana em sua pluralidade.

Na concepção de Febvre, a História deve abranger as atividades humanas em sua complexidade, incluindo os detalhes cotidianos, as estruturas sociais e as formas coletivas de pensamento. Essa perspectiva permite compreender as transformações

historiográficas provocadas por sua crítica ao modelo tradicional e por sua defesa de uma nova maneira de escrever a história.

Para Febvre, o estatuto científico da História não emerge da compilação passiva de documentos oficiais, mas de sua afirmação como uma ciência do homem, vinculada às demandas e inquietações do tempo presente.

Ao confrontar o viés factual de origem oitocentista, o autor argumenta que o conhecimento histórico adquire validação metodológica quando concebido como uma "ciência da mudança perpétua das sociedades humanas" (Febvre, 1989, p. 40). Essa transformação epistemológica desloca o foco da investigação da simples descrição dos eventos para a centralidade da história-problema, na qual o objeto de estudo é construído de forma ativa por meio dos questionamentos elaborados pelo historiador.

3.2 Crítica à história factual e positiva

O século XIX, como já mencionado, foi marcado pela consolidação das ciências modernas e pela busca de métodos capazes de garantir objetividade ao conhecimento. No campo da História, essa preocupação fortaleceu práticas voltadas à crítica documental, à narrativa factual e à reconstrução cronológica dos acontecimentos.

Ao comentar os preceitos da Escola Metódica em *Combates pela História*, Febvre pergunta: “[...] nós, historiadores, os únicos a continuar a tê-los como válidos?” (Febvre, 1989, p. 39). Com essa indagação, o autor questiona a permanência de valores metodológicos que limitavam a compreensão das atividades humanas em sociedade.

Febvre posicionou-se diante dessa crise das ciências humanas criticando também as divisões artificiais da disciplina, como as expressões “história econômica” e “história social”, que, para ele, só fariam sentido se integradas a uma concepção mais ampla de História.

Em *Combates pela História*, essa posição aparece na defesa de uma história total, segundo a qual não se deve separar artificialmente as dimensões econômica, social, política e cultural da experiência humana. Para Febvre, tais denominações podiam ter valor estratégico na crítica à história política tradicional, mas não deveriam fragmentar o objeto próprio da disciplina, uma vez que a História deve ser compreendida em sua totalidade e em sua natureza essencialmente social (Febvre, 1946 *apud* Le Goff, 1990).

Conforme Barros (2012, p. 19), o grupo reunido em torno da revista francesa buscava não segregar as esferas da vida social, mas integrá-las em um único horizonte interpretativo.

Contudo, para Febvre, a fragmentação expressa na fórmula "história econômica e social" revelava-se conceitualmente insustentável. Conforme o autor, a história é caracterizada por sua função social e deve manter-se centrada no estudo dos seres humanos em coletividade. Sob essa perspectiva integradora, o verdadeiro escopo do historiador recai sobre um panorama indissociável:

[...] das diversas actividades e das diversas criações dos homens de outrora, tomados na sua data, no quadro de sociedades extremamente variadas e contudo comparáveis umas com as outras [...], com as quais encheram a superfície da terra e a sucessão das épocas (Febvre, 1989, p. 30).

Nesse contexto, Lucien Febvre representa uma ruptura radical com o Positivismo que dominava a historiografia do século XIX.

Enquanto o positivismo buscava uma verdade factual única, Febvre propunha uma história aberta, interpretativa e voltada à totalidade da experiência humana. Em *Combates pela História*, essa reformulação aparece especialmente em três fundamentos: a interdisciplinaridade, a história-problema e a concepção da História como conhecimento cientificamente conduzido.

Esses fundamentos constituem eixos decisivos da transformação historiográfica proposta por Febvre, pois deslocam a escrita da história da simples descrição de fatos para a investigação crítica das ações humanas em sociedade.

A interdisciplinaridade permite uma interpretação mais abrangente, aproximando a História de áreas como a geografia, a sociologia, a psicologia e a economia, indispensáveis para compreender a complexidade dos fenômenos sociais.

Febvre (1989) afirma que devemos ser geógrafos, juristas, sociólogos e psicólogos, de forma a ampliar os horizontes do historiador. Pede, também, que não fechemos “[...] os olhos ao grande movimento que, à vossa frente, transforma, a uma velocidade vertiginosa, as ciências do universo físico” (Febvre, 1989, p. 40).

Ainda segundo Febvre, “O problema é o começo e fim de toda história”. O historiador deve interpretar propondo problemas, formulando hipóteses para buscar novas soluções através de uma investigação concisa dos detalhes; caso contrário, ele será um simples compilador de registros (Febvre, 1989, p. 40).

Por meio das proposições de Febvre e Bloch, os elementos conceituais consubstanciados em *Combates pela História* configuram-se como testemunhos inequívocos da oposição desses autores à abordagem tradicional e positivista da história, hegemônica na transição do século XIX para o século XX.

A história tradicional do século XIX estruturava-se em práticas que privilegiavam a narrativa política, a sequência cronológica e os documentos oficiais escritos. Essa perspectiva, exemplificada pela Escola Metódica francesa, deixava em segundo plano as estruturas sociais, econômicas e culturais.

Febvre, ao lado de Bloch, formulou críticas contundentes a essa corrente, argumentando que a história deveria abranger todas as dimensões da experiência humana (Febvre, 1989). Essa abordagem tornou-se um dos instrumentos centrais da renovação historiográfica.

Em diversos trechos de *Combates pela História*, Febvre expõe um repertório de propostas que ultrapassa os limites da corrente positivista e da Escola Metódica.

Para Febvre, a limitação da história metódica consistia em subordinar a pesquisa aos documentos oficiais e em reduzir o historiador a um observador passivo, impedido de problematizar e reinterpretar os fatos históricos.

Portanto, o combate à história tradicional encontra em *Combates pela História*, publicado em 1953, uma de suas formulações mais expressivas.

Combates pela História funciona, assim, como abertura para uma história mais complexa, capaz de investigar as estruturas sociais, as práticas cotidianas e as múltiplas dimensões da atividade humana.

3.3 História-problema e construção do conhecimento histórico

A superação do paradigma positivista encontra um de seus núcleos teóricos na noção de história-problema, formulada por Lucien Febvre em *Combates pela História*. Essa abordagem redefine o estatuto da disciplina ao rejeitar a história como mera crônica factual ou compilação passiva de acontecimentos lineares.

Conforme preceitua Febvre (1989, p. 23), "colocar problemas é, precisamente, o começo e o fim de toda a história. Sem problemas, não há história." Sob essa ótica, o fazer historiográfico desloca-se da simples descrição para o campo da investigação científica ativa, transformando o pesquisador em um sujeito interrogador perante o seu objeto de estudo.

A metodologia da história-problema altera substancialmente a relação entre o historiador e as suas fontes documentais. Na perspectiva tradicional do século XIX, o documento era interpretado como um dado objetivo que continha uma verdade intrínseca aguardando revelação. Febvre subverte esse entendimento ao demonstrar que as fontes históricas permanecem mudas se não forem submetidas a um arcabouço conceitual e a questionamentos prévios.

Segundo o autor, "um texto não é um dado; é um resultado. O resultado de uma elaboração do espírito" (Febvre, 1989, p. 34). Desse modo, o documento só adquire inteligibilidade e validade heurística a partir das perguntas formuladas pelo pesquisador, o que confere à hipótese de trabalho o papel de fio condutor de toda a pesquisa de campo. Por conseguinte, a proposta de Febvre fundamenta a necessidade de uma postura interdisciplinar e reflexiva, na qual o passado é constantemente ressignificado pelas demandas e inquietações do tempo presente.

A história-problema constitui, portanto, uma prática científica dinâmica: o fato histórico deixa de ser ponto de partida absoluto e passa a ser resultado de uma construção intelectual orientada por perguntas, hipóteses e crítica das fontes.

A escola positivista preconizava que o papel do historiador limitava-se a reunir, classificar e purificar os documentos, operando sob o dogma de que os fatos falariam por si mesmos uma vez aplicada a crítica filológica.

Febvre (1989) ironiza essa postura ao denunciar o fetiche do documento e a ilusão da neutralidade científica, argumentando que a passividade diante do arquivo não gera objetividade, mas sim uma erudição cega e estéril.

Ao contrário do que propunham Langlois e Seignobos, representantes da Escola Metódica francesa, para quem a história era um produto direto do inventário documental, Febvre assevera que a seleção do que se torna ou não uma fonte histórica já é, intrinsecamente, um ato interpretativo e deliberado do historiador.

A metodologia da história-problema altera, portanto, substancialmente a relação do historiador com a evidência empírica, operando uma verdadeira metamorfose no tratamento das fontes.

Destarte, a construção do conhecimento histórico na perspectiva de Febvre fundamenta a necessidade de uma postura intencional e reflexiva, na qual o passado é constantemente interrogado e ressignificado pelas demandas e inquietações do tempo presente.

O fato histórico, portanto, deixa de ser uma verdade autoevidente e passa a ser compreendido como produto de uma operação intelectual. Ao combater a passividade do historiador e a sacralização do documento, a história-problema consolida-se como elemento central da ruptura com a tradição positivista.

Essa centralidade da história-problema repercute diretamente na ampliação dos objetos e domínios da investigação histórica, aproximando-se de debates posteriores sobre a operação historiográfica e sobre o papel simbólico das fontes no interior de cada contexto histórico.

Ao demonstrar que qualquer vestígio da atividade humana pode ser alçado à condição de fonte, desde que analisado criticamente e interrogado pelo historiador, Febvre abre caminho para a superação do paradigma positivista e factual da Escola Metódica.

Convém salientar que, nessa perspectiva, o historiador assume papel essencial na interpretação dos acontecimentos. Cabe-lhe formular perguntas, construir hipóteses e buscar explicações adequadas ao contexto em que o fato histórico ocorreu.

Nesse contexto, Marc Bloch, um dos principais expoentes da escola dos Annales, argumenta que o papel do historiador vai além da simples descrição de acontecimentos históricos. Ele defende uma abordagem investigativa que busca uma análise crítica do passado.

Para Bloch, a história deve ser entendida como uma disciplina científica, fundamentada na formulação de perguntas claras e específicas que orientam toda a investigação.

A chamada "História-problema" implica que o historiador inicie seu trabalho ao identificar uma questão específica digna de investigação, a partir da qual reunirá fontes e evidências para desenvolver hipóteses e buscar explicações consistentes. Esse método demanda rigor metodológico e interdisciplinaridade, já que o estudo histórico, segundo Bloch, interage com outras ciências sociais para melhor compreender os fenômenos do passado.

Bloch ressalta que: "a verdadeira profissão do historiador consiste em não deixar nunca o problema que ele se propõe de lado e em não aceitar jamais uma explicação à primeira vista" (Bloch, 1995, p. 28).

Dessa forma, a história-problema transforma o historiador em agente ativo da pesquisa, não satisfeito com narrativas superficiais, mas comprometido com interpretações aprofundadas e fundamentadas dos processos históricos.

3.4 Interdisciplinaridade e método

Combates pela História reúne propostas que conduzem a historiografia a uma nova fase metodológica. Nessa perspectiva, o historiador passa a dispor de instrumentos mais amplos para analisar e interpretar os fenômenos históricos.

Nas propostas de Febvre, a expansão do campo epistemológico da História e a adoção de uma abordagem interdisciplinar aparecem como desdobramentos necessários da história-problema.

Ao rejeitar a ideia de que os documentos falam por si mesmos, Febvre demonstra que as fontes são interpretadas a partir das perguntas formuladas pelo historiador. Por isso, a compreensão da experiência humana exige o diálogo com campos de saber mais amplos, e não o isolamento da História em uma única tradição disciplinar.

Historiadores, sejamos geógrafos. Sejam historiadores também, e juristas, e sociólogos, e psicólogos: não nos contentemos em fechar os olhos ao mundo que nos cerca, para nos dedicarmos unicamente à interpretação de textos cuja substância profunda nos escapará se não tivermos uma visão direta das realidades de que eles não são mais do que o reflexo (Febvre, 1989, p. 32).

Este imperativo formulado por Febvre explicita que a decifração do fato histórico demanda a apropriação de ferramentas conceituais de ciências vizinhas.

Febvre combate a especialização estéril da historiografia tradicional, que, ao se concentrar exclusivamente na análise filológica dos textos, afastava-se da compreensão viva da sociedade. Para o autor, a interdisciplinaridade não é um complemento secundário, mas uma condição para interpretar o passado em sua totalidade.

Marc Bloch, em sua obra *Apologia da História*, aborda diversos aspectos metodológicos da História, destacando a importância do papel do historiador na formulação de problemas a partir dos fatos históricos, considerando seu contexto específico. O autor enfatiza que a História deve ser compreendida como “uma ciência dos homens, ou melhor, dos homens no tempo” (Bloch, 2001, p. 7).

Nesse sentido, Febvre aponta que, por se tratar de uma ciência que estuda o ser humano, a abordagem histórica deve transcender os limites tradicionais do conhecimento histórico, integrando contribuições de outras áreas do saber, de modo a possibilitar uma análise mais completa e interdisciplinar do homem em sua totalidade (Febvre, 1989).

Fruto de uma proposta de abertura da história, a interdisciplinaridade, segundo Febvre, caracteriza-se pela busca de conhecimentos fornecidos por outras áreas que vão permitir a construção e realização de uma história que envolve uma complexidade de conhecimentos.

Em algumas linhas de *Combates pela História*, Febvre esclarece que: “A história não pode ser feita com fragmentos isolados; deve buscar ligar os fatos uns aos outros, penetrar nas mentalidades, nas instituições, no conjunto das atividades humanas em sua complexa totalidade” (Febvre, 1989, p. 17). Esse entendimento está alinhado ao pensamento de Febvre, para quem a história não esgota em si mesma as explicações sobre a vida cotidiana. A apreensão de sua dimensão social demanda, necessariamente, o amparo epistemológico de bases geográficas, sociológicas, econômicas e psicológicas.

Febvre argumenta que a historiografia não deve se limitar à mera narrativa de eventos políticos e militares, mas precisa integrar conhecimentos provenientes da geografia, sociologia, psicologia, economia, antropologia, entre outras disciplinas. Essa abordagem interdisciplinar é fundamental para compreender o ser humano em sua totalidade e os contextos nos quais está inserido.

Dessa forma, a interdisciplinaridade emerge como um método imprescindível para superar a visão fragmentada dos acontecimentos históricos e possibilitar uma reconstrução do passado que seja mais profunda e abrangente.

Febvre sustenta que o ambiente influencia a realidade histórica; portanto, ao analisar um fato, é necessário considerar o conjunto de aspectos que o envolve, incluindo o sujeito que o produz, o espaço em que ocorre e as condições sociais que o tornam possível.

Ao adotar essa abordagem na construção da narrativa histórica, Febvre e Bloch convergem para a mesma perspectiva epistemológica, na qual a disciplina de História, enquanto conhecimento científico, deve investigar de forma integral os múltiplos aspectos envolvidos no fato histórico, abrangendo tanto os elementos individuais quanto os coletivos no estudo das sociedades.

3.5 Mentalidades e o imaginário coletivo

As proposições de Lucien Febvre em *Combates pela História* oferecem conceitos fundamentais para a historiografia contemporânea. Ao abordar as mentalidades, o autor

demonstra que o estudo do imaginário coletivo exige considerar as estruturas psíquicas, culturais e simbólicas que orientam as ações humanas em cada época.

Em contrapartida, Febvre defendeu a transição para uma “história-problema”, na qual o pesquisador assume uma postura ativa de interrogação diante do passado. Conforme aponta o autor em sua obra clássica *Combates pela História*, “elaborar um fato é construir. Se se quiser, é fornecer uma resposta a uma pergunta. E se não há pergunta, só há o nada” (Febvre, 1989, p. 20). É a partir dessa nova ótica que o estudo das mentalidades e do imaginário coletivo ganha centralidade para a compreensão dos processos históricos.

Sob a perspectiva teórica de Febvre, a análise dos fenômenos históricos é indissociável da reconstituição da psicologia social de cada período. Investigar as mentalidades significa mapear o que ele denominou de “instrumental mental”, isto é, o aparato conceitual, linguístico e ideológico que delimita as fronteiras do pensamento em uma dada época.

Desse modo, Febvre demonstra que os indivíduos do passado não operavam necessariamente com a mesma racionalidade do homem contemporâneo. Projetar categorias modernas sobre sociedades antigas ou medievais conduz ao anacronismo e impede a compreensão das lógicas internas dos agentes históricos.

O autor ainda estabelece que este conceito se refere à imposição de valores, conceitos ou práticas de uma época em outra, o que pode comprometer a análise histórica. O texto ressalta que, ao aplicar o ceticismo típico do pensamento contemporâneo à sociedade do século XVI, que era fortemente moldada pela influência da Igreja e por rígidos valores religiosos, o historiador pode falhar em entender corretamente as motivações e a lógica interna dos indivíduos históricos desse período. Nesse sentido, Febvre destaca que o anacronismo deve ser evitado, para que não se interprete um evento fora do seu contexto (Febvre, 1989).

Em síntese, ao não situar os agentes históricos dentro de seu contexto específico, o historiador arrisca-se a interpretar erroneamente suas ações e crenças, desconsiderando os fatores culturais e sociais que realmente guiavam seu comportamento.

Por sua vez, o imaginário coletivo atua como a exteriorização e a dimensão sensível desse arcabouço mental.

Longe de ser uma abstração separada da realidade, o imaginário coletivo manifesta-se em práticas concretas do cotidiano, em temores compartilhados, mitos, crenças, representações culturais e formas de sensibilidade historicamente situadas.

Práticas de trabalho, manifestações artísticas, devoções religiosas e formas de linguagem conferem visibilidade às estruturas mentais de uma sociedade. Por isso, interpretar silêncios, símbolos e representações torna-se tarefa essencial para compreender os horizontes mentais do passado.

O cenário conceitual exigiu, obrigatoriamente, uma expansão radical na própria definição de documento histórico. Para analisar as nuances de uma mentalidade, o pesquisador não poderia se restringir às fontes documentais oficiais ou aos arquivos estatais.

Em uma das passagens mais célebres de *Combates pela História*, Febvre redefine categoricamente o estatuto metodológico dos vestígios do passado, afirmando que:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando os há. Mas pode fazer-se, deve fazer-se com tudo o que a engenhosidade do historiador pode permitir [...]: com palavras, com signos, com paisagens e com telhas. Com formas de campos e ervas daninhas. Com eclipses de lua e trelas de bois. (Febvre, 1989, p. 249).

Dessa forma, ao cruzar as representações do imaginário com os vestígios da cultura material, a abordagem de Febvre consolida-se na teoria da história como um instrumental indispensável para compreender não apenas o que os homens realizaram, mas os horizontes de pensamento que balizavam suas maneiras de viver e sentir o mundo.

Febvre argumenta que a disciplina histórica deve utilizar todos os recursos disponíveis para registrar não apenas os acontecimentos e conquistas, mas também as mentalidades e significados que influenciaram a vida das pessoas em épocas passadas. Essa perspectiva expande o escopo da história, convertendo-a em uma ferramenta fundamental para compreender a complexidade da experiência humana ao longo dos anos.

Em *Combates pela História*, a psicologia histórica aparece como recurso importante para compreender as sociedades passadas, pois permite investigar pensamentos, sentimentos, crenças e representações coletivas que marcaram determinada época.

Dentro da renovação metodológica da Escola dos Annales, o diálogo com a psicologia, representado por autores como Henri Wallon, contribuiu para que Lucien Febvre desenvolvesse reflexões próximas à psicologia histórica (Wallon, 1975).

Febvre rejeitava a ideia de que a mente humana funcionasse da mesma forma em todas as épocas. Seu diálogo com a psicologia ajudou a demonstrar que emoções,

sensibilidades e formas de pensamento são historicamente constituídas, razão pela qual devem ser compreendidas em seus próprios contextos.

Introduzido e amplamente explorado por historiadores da Escola dos Annales, como Lucien Febvre, o termo mentalidades refere-se ao conjunto de atitudes, percepções, valores e maneiras de interpretar o mundo que definem grupos sociais em um período histórico específico. Assim, as mentalidades refletem como as pessoas entendem e vivenciam sua realidade, impactando suas ações e interações sociais.

Lucien Febvre, em sua obra *Combates pela História*, enfatiza a relevância do imaginário coletivo, um repertório de representações simbólicas, mitos, crenças e imagens compartilhadas dentro de uma sociedade.

Conforme pressupõe Febvre (1989), o imaginário não deve ser compreendido como um mero somatório de consciências ou ideias individuais, trata-se, em verdade, de uma construção de caráter social que serve de base para as mentalidades de uma época, exercendo influência direta sobre a maneira como os sujeitos interpretam os acontecimentos históricos (Febvre, 1989).

Dessa forma, ao reconhecer a importância das mentalidades e do imaginário coletivo, a psicologia histórica enriquece a análise histórica e possibilita uma compreensão mais profunda das sociedades anteriores.

Essa abordagem evidencia que as ações humanas são influenciadas não apenas por fatores econômicos ou políticos, mas também por universos simbólicos que moldam a percepção do mundo e as decisões tomadas.

Assim sendo, entender as mentalidades e o imaginário coletivo segundo Febvre é essencial para apreender a complexidade das experiências históricas e evitar interpretações simplistas ou anacrônicas (Febvre, 1989).

Portanto, o estudo das mentalidades demonstra que a renovação historiográfica proposta por Febvre dependia do viés interdisciplinar. Ao incorporar contribuições da psicologia, da sociologia e da antropologia, a História amplia sua capacidade de compreender sensibilidades, representações e dinâmicas socioculturais do passado.

4 AS METAMORFOSES DA HISTÓRIA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Desde o início de sua trajetória intelectual, Lucien Febvre empenhou-se na formulação de um projeto historiográfico renovador, marcado pelo diálogo com as ciências humanas e pela crítica aos limites da História Tradicional. Esse movimento desenvolveu-se em um cenário de instabilidade institucional e intelectual provocado pelas crises políticas, sociais e bélicas do início do século XX.

Diante dessa conjuntura, tornou-se necessário examinar criticamente os pressupostos da chamada História Tradicional, especialmente aqueles vinculados à Escola Metódica francesa do século XIX, representada por Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, cuja concepção historiográfica valorizava a crítica documental, a objetividade do historiador e a reconstrução rigorosa dos acontecimentos a partir das fontes escritas (Langlois; Seignobos, 1946).

Essa tradição metódica atribuía ao documento escrito papel central na produção do conhecimento histórico, conforme sintetizam Langlois e Seignobos ao afirmarem que “a história se faz com documentos” (Langlois; Seignobos, 1946, p. 15).

Febvre demonstrou constante inquietação em relação aos modelos historiográficos vigentes, sobretudo aqueles que reduziam a História à narrativa factual, à cronologia linear e à centralidade dos documentos oficiais.

Em oposição a esse modelo, Febvre defendeu uma concepção de história total, dinâmica e crítica, capaz de abarcar múltiplas dimensões da vida social, como economia, política, cultura, religião, sensibilidades, emoções e mentalidades.

Essa perspectiva ampliou a investigação histórica e tornou o historiador mais ativo na formulação de problemas, na interpretação das fontes e na compreensão da complexidade histórica.

4.1 Impactos das propostas de Lucien Febvre

As propostas de Lucien Febvre em *Combates pela História* tiveram impacto duradouro na historiografia do século XX. Ao defender uma abordagem crítica, interdisciplinar e voltada à totalidade da experiência humana, o autor contribuiu para romper com uma história tradicional centrada principalmente em narrativas políticas, eventos militares e documentos oficiais.

Ao lado de Marc Bloch, Febvre participou da fundação da Escola dos Annales, corrente que possibilitou o desenvolvimento de métodos voltados à análise das estruturas sociais, das temporalidades de longa duração e das mentalidades coletivas.

Essa perspectiva representou uma ruptura epistemológica ao valorizar fontes variadas e ao favorecer o diálogo entre a História e outras ciências sociais, como a sociologia, a antropologia, a geografia e a psicologia.

Com isso, a História passou a se afirmar como um campo mais plural, dinâmico e crítico, aberto à investigação de temas antes marginalizados pela historiografia tradicional.

Os impactos de suas ideias foram substanciais porque ampliaram o objeto do historiador para além dos eventos políticos e dos protagonistas tradicionais.

Febvre defendeu que a História deveria incorporar métodos das ciências sociais, enfatizando a análise das mentalidades, das representações coletivas e das práticas cotidianas (Febvre, 1989, p. 40). Essa abordagem possibilitou compreender os processos históricos como resultado de múltiplos fatores interligados.

Na prática historiográfica, sua influência resultou na diversificação das fontes e metodologias, estimulando pesquisas com cartas, crônicas populares, artefatos, registros econômicos, imagens e outros vestígios da atividade humana. A historicidade das mentalidades também abriu caminho para estudos sobre cultura, religião, sensibilidades e experiências subjetivas de diferentes grupos sociais (Febvre, 1989).

Assim, as propostas de Febvre contribuíram para uma história mais crítica, reflexiva e plural, voltada à compreensão do passado em sua totalidade e complexidade.

A recusa de Febvre em aceitar uma história confinada aos limites político-institucionais derivava de sua convicção de que o fazer histórico deveria articular diferentes campos das ciências humanas.

Nesse diálogo, a psicologia ocupou lugar importante ao permitir que Febvre problematizasse as sensibilidades, as representações coletivas e as emoções como construções historicamente situadas. Assim, o estudo das mentalidades tornou-se indispensável para compreender uma época em sua integralidade.

Em suma, as ideias de Lucien Febvre em *Combates pela História* atuaram como marco da renovação historiográfica, influenciando tanto o meio acadêmico quanto a prática da pesquisa histórica.

Sua ênfase na interdisciplinaridade e na análise das mentalidades ampliou os horizontes teóricos e metodológicos da disciplina, estimulando uma produção historiográfica mais abrangente e socialmente orientada.

4.2 A consolidação da Nova História

A consolidação da Nova História, sobretudo a partir da década de 1970, deve ser compreendida como continuidade transformada do projeto inaugurado pela Escola dos Annales. Embora tenha adquirido novos contornos temáticos e metodológicos, esse movimento manteve como fundamento a crítica à História Tradicional, marcada pela centralidade dos acontecimentos políticos, dos grandes personagens e dos documentos oficiais.

A trajetória dos Annales evidencia essa transformação em diferentes momentos. A primeira geração, formada por Febvre e Bloch, combateu os limites da Escola Metódica e defendeu a ampliação das fontes, dos objetos e dos métodos da pesquisa histórica. A segunda geração, associada à liderança de Fernand Braudel, aprofundou a análise das temporalidades, especialmente por meio da noção de longa duração. Já a terceira geração, vinculada à chamada Nova História, ampliou o interesse para temas culturais, simbólicos, cotidianos e para as formas coletivas de representação (Burke, 1997; Le Goff, 1990).

Nesse percurso, Braudel exerceu função de mediação entre o projeto fundador dos Annales e os desdobramentos posteriores da Nova História. Em *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*, publicado em 1949, e no ensaio sobre a longa duração, de 1958, o autor demonstrou que o tempo histórico não se reduz ao acontecimento imediato, mas se organiza em diferentes ritmos: o tempo breve dos eventos, o tempo médio das conjunturas e o tempo longo das estruturas (Braudel, 1949; Braudel, 1958).

A contribuição braudeliana não anulou as formulações de Febvre, mas as reorientou para uma análise mais sistemática das estruturas sociais, econômicas, geográficas e civilizacionais. Ao subordinar o acontecimento político a temporalidades mais amplas, Braudel contribuiu para reduzir a centralidade da história factual e demonstrou que as ações humanas são condicionadas por permanências lentas, conjunturas econômicas e quadros materiais que ultrapassam a escala do indivíduo.

A partir da década de 1970, contudo, a Nova História promoveu outro deslocamento relevante. Sem abandonar inteiramente a ambição de totalidade herdada dos Annales, passou a valorizar objetos antes considerados marginais, como o cotidiano, o corpo, a infância, a morte, a alimentação, as sensibilidades, a memória, o imaginário e as representações coletivas.

Desse modo, a história total foi reconfigurada: deixou de significar apenas a análise das grandes estruturas e passou também a incorporar dimensões culturais, simbólicas e subjetivas da vida social. Essa mudança expressa a ampliação do campo historiográfico e reforça a ideia de que a experiência humana deve ser investigada em suas múltiplas formas de expressão.

Na produção associada à Nova História, essa virada cultural tornou-se evidente pela valorização das mentalidades, das crenças, dos símbolos e das formas de sensibilidade. A História deixou de observar apenas instituições, guerras e governos para investigar também os modos de pensar, sentir e representar o mundo. Essa mudança dialoga diretamente com a preocupação de Febvre em compreender o “instrumental mental” de cada época e em evitar interpretações anacrônicas do passado (Febvre, 1989; Le Goff, 1990; Burke, 1997).

Nesse mesmo horizonte, os estudos de Pierre Nora sobre memória ampliaram a reflexão historiográfica acerca das relações entre passado, presente, identidade coletiva e construção social da lembrança. Ao destacar os lugares de memória, Nora contribuiu para demonstrar que a História também deve investigar os modos pelos quais as sociedades selecionam, preservam, disputam e reinterpretam suas lembranças coletivas (Nora, 1993).

A consolidação da Nova História representou, portanto, uma ampliação decisiva do campo historiográfico. Ao descentralizar o sujeito histórico tradicional e incorporar vozes, práticas e experiências antes silenciadas pelos registros oficiais, essa perspectiva contribuiu para tornar a História mais plural e sensível às diferentes formas da experiência humana. Assim, temas ligados às práticas cotidianas, às representações simbólicas e aos grupos sociais marginalizados passaram a ocupar lugar legítimo na pesquisa histórica.

Por isso, a Nova História não deve ser entendida como ruptura absoluta com Febvre, Bloch ou Braudel, mas como continuidade transformada do projeto dos Annales. Ela preservou a crítica à história factual, manteve a defesa da interdisciplinaridade e

ampliou a noção de fonte, ao mesmo tempo em que deslocou parte do interesse historiográfico para a cultura, a memória, o imaginário e as sensibilidades coletivas.

Nessa perspectiva, as metamorfoses da História discutidas neste trabalho revelam um movimento contínuo de renovação: dos combates de Febvre contra o positivismo metódico à reflexão braudeliana sobre a longa duração, e desta à expansão temática promovida pela Nova História. Em todos esses momentos, permanece a ideia de que o passado não deve ser apenas narrado, mas problematizado a partir das questões formuladas pelo historiador.

4.3 Influência na historiografia contemporânea

A historiografia contemporânea não pode ser compreendida sem as mudanças iniciadas por Lucien Febvre e aprofundadas pela Escola dos Annales e pela Nova História. Essas transformações redefiniram o fato histórico, ampliaram a noção de arquivo e atribuíram ao historiador uma função crítica na produção do conhecimento.

Contra a postura passiva da tradição metódica, Febvre afirmou que o conhecimento histórico é construído a partir de problemas formulados pelo historiador: “Elaborar um fato é construir. É fornecer, se quiser, as respostas a um problema. E se não há problema, não há nada” (Febvre, 1989, p. 23). Assim, as perguntas dirigidas ao passado passam a nascer das inquietações do presente.

Febvre e Bloch ampliaram a noção de fonte, Braudel deslocou a atenção do tempo factual para a longa duração, e autores como Jacques Le Goff e Pierre Nora aprofundaram a virada cultural e antropológica da historiografia.

Com isso, a história total foi ressignificada: além das estruturas econômicas e sociais, passou a considerar representações, práticas cotidianas, memória, cultura material e imaginário coletivo.

Como sintetiza Le Goff, a Nova História promoveu uma “expansão do território da história”, incorporando temas antes considerados exteriores ao campo historiográfico, como corpo, infância, loucura, alimentação, morte e memória (Le Goff, 1990, p. 27).

Esse legado repercute em três eixos principais: a história das mentalidades e do imaginário social; a história cultural, voltada à linguagem, ao discurso e à produção de sentidos; e os estudos sobre memória e História do Tempo Presente, especialmente a partir das reflexões de Pierre Nora.

A virada metodológica inaugurada por Febvre e consolidada pela Nova História retirou a disciplina de uma função meramente descritiva. Ao valorizar a pluralidade das fontes, das temporalidades e das experiências humanas, essa tradição estabeleceu bases para uma historiografia mais crítica e abrangente.

Um dos aspectos mais duradouros desse legado está na postura epistemológica de Febvre, que rompeu com os pilares da historiografia metódica e consolidou uma compreensão do passado orientada pela história-problema (Febvre, 1989).

Para Febvre, restringir a História aos arquivos oficiais e ao registro político-institucional impedia a compreensão da complexidade humana. Por isso, qualquer vestígio, textual, material, iconográfico, linguístico ou espacial, pode tornar-se fonte, desde que interrogado por problemas historicamente fundamentados.

Seu diálogo com a Geografia Humana, a Psicologia Social e a Linguística contribuíram para compreender o espaço, as sensibilidades, as representações e as formas de pensamento como dimensões historicamente construídas.

Assim, as contribuições de Febvre mostram que a História assumiu novo nível de interpretação, deixando de ser mera descrição de fatos para tornar-se disciplina cientificamente conduzida e voltada à análise crítica dos problemas sociais.

Desse modo, o legado de Lucien Febvre ultrapassa a fundação de uma escola historiográfica: representa uma postura metodológica contra o isolamento disciplinar e a favor de uma História aberta, crítica e interrogativa.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar de que modo Lucien Febvre, por meio das proposições reunidas em *Combates pela História*, contribuiu para a ruptura com a história tradicional e para a renovação da historiografia contemporânea. Ao longo do trabalho, demonstrou-se que sua crítica se dirigiu principalmente à narrativa factual, à cronologia linear, à centralidade dos documentos oficiais e à pretensão de neutralidade absoluta do historiador, elementos associados à Escola Metódica francesa do século XIX.

A resposta ao problema de pesquisa permite afirmar que a ruptura proposta por Febvre não consistiu apenas na rejeição de uma forma tradicional de narrar o passado, mas na redefinição do próprio modo de produzir conhecimento histórico. Essa redefinição ocorreu por meio da defesa da história-problema, da interdisciplinaridade, da ampliação da noção de fonte e da valorização das mentalidades, das estruturas sociais e das múltiplas dimensões da experiência humana.

A história-problema mostrou-se um dos eixos centrais dessa transformação, pois desloca o historiador da posição de simples compilador de documentos para a de sujeito ativo da investigação, responsável por formular perguntas, construir hipóteses e interpretar criticamente os vestígios do passado. Nessa perspectiva, o fato histórico deixa de ser compreendido como dado pronto e passa a ser resultado de uma operação intelectual orientada por problemas.

A interdisciplinaridade também se revelou decisiva, uma vez que permitiu aproximar a História da geografia, da sociologia, da psicologia, da economia e de outras ciências humanas. Com isso, Febvre ampliou o campo da investigação histórica e tornou possível uma compreensão mais abrangente dos fenômenos sociais, culturais, econômicos e mentais que estruturam a vida das sociedades.

Outro aspecto fundamental foi a ampliação da noção de fonte histórica. A pesquisa evidenciou que, para Febvre, a História não deve restringir-se aos documentos oficiais escritos, mas pode ser construída a partir de diferentes vestígios da atividade humana, como imagens, objetos, paisagens, práticas culturais, formas de linguagem e expressões simbólicas. Essa abertura documental contribuiu para superar os limites da historiografia tradicional e para tornar a pesquisa histórica mais sensível à complexidade da vida social.

O estudo das mentalidades e do imaginário coletivo completou esse movimento de renovação ao demonstrar que crenças, sensibilidades, representações e formas de pensamento precisam ser compreendidas em seus próprios contextos históricos. Assim, Febvre contribuiu para evitar interpretações anacrônicas do passado e para afirmar que a História deve investigar não apenas os acontecimentos visíveis, mas também os modos pelos quais as sociedades pensam, sentem e representam o mundo.

Com base nesses elementos, conclui-se que *Combates pela História* funcionou como uma obra de intervenção metodológica, capaz de sintetizar críticas ao modelo historiográfico oitocentista e, ao mesmo tempo, propor uma concepção de História mais crítica, social, dinâmica e problematizadora. Sua importância reside justamente em articular combate intelectual e proposição teórica, oferecendo novos caminhos para o ofício do historiador.

A análise também permitiu compreender que o projeto de Febvre se fortaleceu no interior da Escola dos Annales, em diálogo com Marc Bloch e com os desdobramentos posteriores desenvolvidos por Fernand Braudel, Jacques Le Goff e Pierre Nora. Nesse percurso, os Annales contribuíram para consolidar novas temporalidades, ampliar os objetos da pesquisa histórica e deslocar a atenção dos grandes acontecimentos políticos para as estruturas sociais, as práticas cotidianas, a memória e as representações coletivas.

Dessa forma, a monografia confirma que as “metamorfoses da história” discutidas ao longo do trabalho correspondem a uma transformação profunda nos métodos, nas fontes, nos objetos e nas finalidades da historiografia. Os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que o estudo identificou os fundamentos da crítica de Febvre à história tradicional e demonstrou sua relevância para a consolidação de uma historiografia mais aberta, interdisciplinar e voltada à complexidade da experiência humana.

Como limitação, reconhece-se que a pesquisa se concentrou principalmente em obras traduzidas e em estudos disponíveis em língua portuguesa, o que restringiu parcialmente o acesso ao debate historiográfico internacional sobre Febvre e os Annales. Essa limitação, contudo, não compromete os resultados alcançados; antes, indica a possibilidade de aprofundamento futuro por meio da consulta a obras em língua estrangeira, fontes primárias e estudos comparativos sobre outros autores vinculados ao movimento dos Annales.

Recomenda-se, portanto, que investigações posteriores ampliem o estudo para outras obras de Lucien Febvre e para a produção de autores como Marc Bloch, Fernand Braudel, Jacques Le Goff e Pierre Nora, a fim de compreender com maior profundidade as continuidades e transformações do projeto dos *Annales* e seus efeitos na historiografia contemporânea.

Por fim, este trabalho reafirma a importância de *Combates pela História* para a formação historiográfica e para os estudos de teoria da história. Ao evidenciar a passagem de uma história factual e documentalista para uma história-problema, interdisciplinar e voltada à totalidade da experiência humana, a pesquisa demonstra a permanência do legado de Febvre na historiografia contemporânea. Sua atualidade reside justamente na defesa de uma História crítica, interrogativa e sensível às múltiplas dimensões da vida social.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

ANNALES D'HISTOIRE ÉCONOMIQUE ET SOCIALE. Paris: Armand Colin, v. 1, n. 1, 1929. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/ahess_0003-441x_1929_num_1_1. Acesso em: 6 jun. 2026.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da história**, v. 5: a Escola dos Annales e a Nova História. Petrópolis: Vozes, 2012.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRAUDEL, Fernand. Histoire et sciences sociales: la longue durée. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**, Paris, v. 13, n. 4, p. 725-753, 1958.

BRAUDEL, Fernand. **La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II**. Paris: Armand Colin, 1949.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. Tradução de Nilo Odália. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BURKE, Peter. A Nova História, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CERDAS, Emerson. **A história segundo Xenofonte**: historiografia e usos do passado. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2016.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. 3. ed. Tradução de Leonor de Almeida. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GUIMARÃES, Thaís França. **Biografia e história social**: a escrita biográfica de Lucien Febvre. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020.

LA BLACHE, Paul Vidal de. **Princípios de geografia humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. **Introdução aos estudos históricos**. Tradução de Laerte de Almeida Morais. São Paulo: Renascença, 1946.

LE GOFF, Jacques (org.). **A história nova**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PERSÉE; ÉCOLE DES HAUTES ÉTUDES EN SCIENCES SOCIALES (EHESS). **Retrato de Lucien Febvre**. Plataforma Persée. Disponível em: <https://www.persee.fr>. Acesso em: 6 jun. 2026.

RANKE, Leopold von. **A história como disciplina**. Organização de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Ática, 1981.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

SOARES, Carmen. Democracia: as controvérsias de uma “maravilha” da historiografia herodotiana. In: SEBASTIANI, Breno Battistin *et al.* (org.). **A poiesis da democracia**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. p. 23-45.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1975.